



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

KARLA GOMES BENTA

**ÉTICA E MORAL COMO FUNDAMENTOS DE CONSTRUÇÃO DA
FORMAÇÃO DOCENTE**

Cajazeiras-PB
2014

KARLA GOMES BENTA

ÉTICA E MORAL COMO FUNDAMENTOS DE CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande. Para Conclusão do Curso de Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Wiama de Jesus Freitas Lopes

Cajazeiras-PB
2014

B475e Benta, Karla Gomes.
Ética e moral como fundamentos de construção da formação docente /
Karla Gomes Benta. - Cajazeiras, 2014.
60f.
Bibliografia.

Orientadora: Prof. Dr. Wiama de Jesus Freitas Lopes.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP,
2014.

1. Formação docente. 2. Ética e moral. 3. Pedagogo em formação.
4. Acadêmico de Pedagogia. 5. Ética em Pedagogia. 6. Pedagogia -
Formação profissional. I. Lopes, Wiama de Jesus Freitas. II. Universidade
Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV.
Título.

BS/CFP/UFCG

CDU – 377.8

Fichacatalográfica elaborada na fonte pela Bibliotecária-Documentalista Denize Santos Saraiva Lourenço - CRB15/046

KARLA GOMES BENTA

Aprovada em ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Wiama de Jesus Freitas Lopes
Presidente da Banca/UFMG-CFP-UAE

Débia Suênia da Silva Sousa
Examinadora/UFMG-CFP-UAE

Maria de Lourdes Campos
Examinadora/UFMG-CFP-UAE

Belijane Marques Feitosa
Membro Suplente/UFMG-CFP-UAE

Este trabalho está direcionado a todos os professores que implementam em sua prática educativa ações e reflexões que possibilitam sua autoformação, enquanto produtores de saber. Neste sentido, enfatizamos que a leitura é um meio eficaz na produção de conhecimento, por nortear reflexões sobre as abordagens teóricas, bem como a produção do saber, materializado nos conceitos e nas ações reflexivas do ser humano.

Karla Gomes Benta

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer traz à minha lembrança atitudes que jamais esquecerei. Inicialmente, agradeço a força divina que, sempre, em minhas orações, me trouxe paz e energia para seguir esta construção.

As pessoas mais que especiais nas quais todos os dias me renovavam as forças para quebrar todos os paradigmas durante essa etapa de formação: **Antonio Victor Bento Rodrigues** e **Kamily Vitória Gomes da Silva**, nos seus olhares me vi na responsabilidade de mudar, de buscar sempre a transformação, sabendo que essa transformação se daria apenas através do conhecimento no qual sempre acreditei na formação como dimensão da liberdade, da autonomia.

Ao Prof. Wiama de Jesus Freitas Lopes, pelo profissionalismo e por sua orientação e acompanhamento neste trabalho, acreditando na minha potencialidade e incentivando a produção e conclusão deste trabalho.

Aos professores(as) do Curso de Pedagogia CFP/UFMG, por proporcionar-me uma formação embasada em teorias que capacitam minha identidade docente.

A todas minhas amigas e colegas que me incentivaram no percurso acadêmico de forma direta e indireta.

Em especial a minha amiga **Risomar Alves Santos** pelos incentivos e me fazer superar os desafios que se desenvolveram ao longo desta trajetória acadêmica, no momento em que grandes dilemas pessoais passaram a ocasionar conflitos hoje, superados.

Aos **meus familiares** por me nortear vivências que resultaram em uma base para reflexões na qual minha formação passou a ser desenvolvida.

Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quando mais fora dela.

Paulo Freire (1996 p. 33)

RESUMO

O presente estudo analisou a influência da compreensão de ética e moral na base de formação docente do acadêmico de pedagogia a partir de uma investigação cuja questão da pesquisa foi: em que medida ou de que modo a compreensão de ética e moral interferem para a base de formação profissional do acadêmico de pedagogia do CFP/UFCG? Neste sentido, fez-se necessário aplicar um formulário estruturado em campo de pesquisa, contemplando questões abertas na qual os colaboradores apresentaram o conceito de ética e moral, tendo em vista. A pesquisa caracterizou-se como um estudo quanti-qualitativo com preponderância qualitativa, tendo sido utilizado, como instrumentos de análise, questionários de campo, possibilitando evidenciar a influência da dimensão ética e moral na base da formação. Dentre os principais resultados desta pesquisa identifica-se que os conceitos de ética e moral estão fundamentados em teorias vivenciadas durante a graduação, no entanto, os conceitos são expressos de forma normativa, demonstrando que as unidades temáticas em dado programa, estão apenas cumprindo um currículo normativo da graduação. Portanto, as reflexões apresentadas neste trabalho podem ser conceituadas, mas consistidas em relação a um estudo que necessita de uma dimensão maior para refletir a influência da concepção de ética e moral na formação docente, já que, é durante a formação docente que se vivencia os fundamentos para uma prática educativa intencional que possa atuar de forma ativa e reflexiva em uma sociedade contemporânea. De maneira geral, o trabalho contemplou o percurso de uma busca que não se esgotou, mas que ajudou a diminuir as inquietações e poderá subsidiar novas pesquisas e reflexões.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente. Ética e moral. Pedagogo em formação.

ABSTRACT

The present study examined the influence of understanding of ethical and moral base for teacher training of the academic pedagogy from a research whose research question was: to what extent or how the understanding of ethical and moral base to interfere training of academic pedagogy the CFP / UFCG? In this sense, did it need to apply a structured form in the search field, contemplating open-ended questions in which employees presented the concept of ethics and morality in order. The research was characterized as a quantitative and qualitative study with qualitative preponderance, having been used as instruments of analysis, field surveys, allowing to demonstrate the influence of ethical and moral dimension at the base of the formation. Among the main results of this research identifies that the concepts of ethics and morals are grounded in theories experienced during graduation, however, the concepts are expressed in a normative manner, demonstrating that the thematic units in a given program, are only following a curriculum normative graduation. Therefore, the ideas presented in this work can be conceptualized to consist but in relation to a study that requires a larger to reflect the influence of the conception of ethics and moral in teacher training, since it is during teacher training experiences that the grounds for an intentional educational practice that can act actively and reflectively in a contemporary society. In general, the work contemplated the course of a search that was not exhausted, but it helped ease the concerns and will support new research and reflections.

KEY WORDS: Teacher training. Ethics and morals. Teacher in training.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| CAPÍTULO I - BREVE HISTÓRICO DA ÉTICA..... | 11 |
| CAPÍTULO II - AS DIMENSÕES ÉTICAS E MORAIS NA BASE DA FORMAÇÃO DOCENTE | 22 |
| 2.1 MORAL E COMPETÊNCIA NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE..... | 33 |
| CAPÍTULO III - FORMAÇÃO DOCENTE: DIMENSÕES E COMPETÊNCIAS..... | 42 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 51 |
| REFERÊNCIAS..... | 54 |
| APÊNDICES | 58 |
| APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO DE CAMPO | 59 |

INTRODUÇÃO

A prática docente cotidiana, alicerçada em valores éticos, faz perceber dentre outros aspectos se a educação está voltada para a cidadania plena ou para atender ações determinadas por um currículo normativo que estabelecem condutas dos seres sociais. A formação plena da cidadania nos remete a conhecimentos que vão além da dimensão cognitiva, explorando, também, a dimensão social desses conhecimentos.

Entram aí os valores éticos da convivência como: autoformação, rigor teórico-metodológico em posturas profissionais, exigência para com a qualidade dos trabalhos individuais e no coletivo a partir de ambiente de trabalho educativo, embasando-se nos princípios da formação humana do educando para além das bases ou condições materiais de trabalho e o enfrentamento e superação dos dilemas que disso decorre o trabalho dos professores(as) interferindo com sua prática educativa, que é reveladora de suas concepções ideológicas e de sua *práxis*.

A educação fundamentada em valores éticos é um desafio e, ao mesmo tempo, um importantíssimo chamado no âmbito das preocupações sociais. É desafio pela complexidade que é o ser humano e pelas dificuldades que os professores(as) possuem de vincular os valores aos conteúdos e, conseqüentemente, estes serem abordados de forma articulada para contemplar a internalização do conhecimento proposto para cada fase de desenvolvimento do educando.

Assim, cabe a formação docente vivenciar durante a internalização do saber os processos históricos, sociais e culturais que resultam nos valores éticos para, a partir deles, preconizar uma formação profissional cidadã, que construa uma sociedade mais solidária, mais humana, na qual a educação tem a função fundamental. Neste sentido, e, partir desse referencial de formação e ou/atuação profissional é que, buscamos responder a questão de pesquisa deste estudo assim constituída em que medida a compreensão de ética e moral tem sido constituída na base de formação profissional do acadêmico de pedagogia?

O desejo da questão levantada possibilitou investigar e, agora, apresentar, como forma de trabalho de conclusão de curso, a temática ética e moral como elementos de construção da formação docente.

O papel da escolha do percurso pesquisado recebe a influências a partir do conhecimento que se tem e dos objetivos que se deseja alcançar. Para ampliar as informações deste estudo utilizou-se uma pesquisa bibliográfica, no aprofundamento das questões sobre a ética e a moral, a fim de abrir as portas para uma discussão mais ampla sobre a influência da ética e da moral e seu processo de transformação dentro da sociedade.

Por este desenho de estudo o trabalho objetivou analisar de que modo a compreensão de ética e moral tem sido constituída na base de formação profissional, especificamente no Curso de Pedagogia CFP/UFCG, buscou-se através de um questionário de campo os conceitos de ética e moral, os dados coletados, foram analisados na perspectiva quali-quantitativa, composta por uma amostra de 11 discentes do Curso de Pedagogia, sendo distribuídos em princípio 20 questionários para os acadêmicos em Pedagogia, situados no nono período de uma população de 20 alunos presentes na ocasião, sendo importante apresentar que, este estudo estava direcionado a participantes que demonstrassem interesse e integralizado o componente curricular de Ética, no quadro curricular do curso. Dentre os aspectos caracterizados da amostra de discentes, deve-se registrar que os graduandos apresentam idades variando entre 20 a 44 anos.

Entender que algumas contribuições práticas podem gerar deste estudo, reflexões no âmbito da universidade sobre aspectos referentes à formação do professor concernentes à relação ética com a prática educativa, reconhecendo que é a partir das bases teóricas vivenciadas durante a graduação que os discentes podem compreender melhor que o sentido do comprometimento com a educação, o senso de responsabilidade, de ética, de respeito com o outro e, também o significado de educar. Em termos teóricos, a pesquisa pode contribuir para aprofundar o entendimento da complexidade do processo de formação profissional do professor da educação básica.

A Ética enquanto parte da filosofia que estuda as relações e posturas dos sujeitos em uma sociedade, ajuda a compreender situações, auxiliando com reflexões sobre nossas ações, como também sobre as ações do outro; tendo em vista que sua importância é imprescindível para o desenvolvimento da prática docente.

Percebe-se atualmente uma distância entre os seres; que sejam, em parte do nível de absentéismo docente de parte profissionais do ensino ou do desrespeito às

etnias e as preferências culturais, talvez estejam ligados a falta de concepções éticas e morais, sendo assim, refletir sobre a formação ética e moral nos fundamentos de construção de identidade docente, poderá repensar uma formação voltada à ressignificação ou à retomada de valores que estão se perdendo na história da humanidade, tendo em vista que a falta de ética é um dos grandes causadores dos conflitos interpessoais vivenciados dentro das organizações sociais. Assim, enfatizar teoricamente a importância de se ter uma boa conduta ética nas relações interpessoais, é sem dúvida o maior desafio apresentado no contexto de uma sociedade modernizante, desta forma, buscamos com os resultados obtidos contribuir para a reflexão que fundamenta a base da formação docente.

Como melhor forma de compreender o trabalho, o mesmo foi sistematizado em capítulos. No Capítulo 1, apresenta-se um breve histórico da ética, contextualizando as concepções éticas e morais desenvolvidas ao longo deste trabalho, partindo da premissa que a ética é produto histórico de seu tempo. No entanto, sempre primando, em essência, pela qualidade da vida a partir de princípios basilares da Justiça, do Bom, Belo e da postura especulativo-raciocinativa em prol do favorecimento de vida em sociedade.

No Capítulo 2, analisamos os dados a partir do referencial teórico delineado no Capítulo 1. Lá foi necessário uma apresentação mais detalhada dialogando com dados coletados durante a construção destas reflexões, fazendo-se necessário uma breve apresentação do percurso metodológico que possibilitou na coleta dos dados dialogando com os conceitos éticos e morais a luz das teorias, elucidando em reflexões embasadas no contexto vivenciado. Por fim, o Capítulo 3, apresenta-se a formação docente a partir das dimensões e competências da formação docente, enfatizando as reflexões que embasam a formação materializando-se na prática docente.

CAPITULO I - BREVE HISTÓRICO DA ÉTICA

No presente capítulo apresenta-se o entendimento acerca da ética em épocas diferentes por vários pensadores, refletindo assim, diferentes conceitos e forma de alusão ao termo filosófico que influencia os saberes científicos, as posturas, as crenças aos juízos de valor, às compreensões de mundo, de formas de vida, de entendimento de justiça e de postura individual frente às relações de reprodução cultural dos modos de se viver. Ainda é intenção deste capítulo discutir que ético é produto histórico de seu tempo. Para tanto, o trabalho não versa sobre a demarcação cronológica que a Filosofia faz da Ética dos Filósofos da *Physis* até aos da Contemporaneidade. Mas um recorte que interessa à questão e ao objeto de estudos desse TCC, concernentes por fundamentos basilares de formação humana sob a ótica de práticas formais de fomento das habilidades de reflexão e mobilização da razão. Isto quanto ao processo de inserção e convivialidade em uma determinada comunidade que (re)produz a Vida. Portanto, não é propósito discorrer em todos os autores- filósofos que o fizeram.

Portanto deve-se registrar que, os primeiros escritos filosóficos que trataram da ética são gregos e datam do século VI a.C. a ética aparece, como resultado do estudo de sistematização do *Ethos*, ou seja, das leis Tácitas de sociabilidade determinadas pelos costumes virtudes e hábitos gerados pelo caráter dos indivíduos. Os costumes representam, então, o conjunto de normas e regras adquiridas por hábito, enquanto a permanência destes define a caráter virtuoso da ação sujeito, quando os filósofos de cultura ocidental apontaram suas teorias refletindo o “comportamento moral dos homens em sociedade” (VÁZQUEZ, 2013, p.12). Neste contexto, o homem passou a ser objeto de pesquisa, iniciando a temática do discurso moral e político como forma de enquadramento social, e essa tendência move o mundo das ideias, que, percorre em diversos períodos e em diferentes formatações estruturais, desde Platão, na visão de filósofos até os dias atuais.

No período clássico (500 e 338 a.C) os filósofos foram responsáveis pelo aparecimento de escolas e seitas filosóficas que surgem com a queda da *pólis* grega e o crescimento do poderio romano, tais como o epicurismo¹ e o estoicismo². E o

¹ Uma das grandes escolas filosóficas do período helenista, fundada, por volta de 300 a.C, por Zenão e Cício com ênfase na saúde da alma ..

² Escola filosófica fundada por Epicure de Sam nos anos 306 a.C em Atenas.

aparecimento da ética cristã, ética moderna e contemporânea que apontam para vários estudos éticos³ interpretados nas diversas correntes que também marcam na filosofia o desenvolvimento histórico das diversas éticas.

Segundo Vázquez (2013) a origem da palavra ética vem do grego *Ethikós*, que significa “modo de ser” ou “costume”. Trata o comportamento humano pelo seu valor moral. Costume tem um sentido bastante amplo, por tratar temas de natureza do bem e do justo. É também chamada de filosofia moral, por tratar dos valores em sociedade, isto é, do comportamento humano pelo seu valor moral.

No dicionário de filosofia podemos conceituar que na ética:

[...] Existem duas concepções fundamentais dessa ciência: 1- a que a considera como ciência do para o qual a conduta dos homens deve ser orientada e dos *meios* para atingir tal *fim*, deduzindo tanto o fim quanto os meios da *natureza* do homem; 2- a que a considera como a ciência do *móvel* da conduta humana e procura determinar tal móvel com vistas a dirigir ou disciplinar essa conduta (ABBAGNANO, 2007, p. 391).

O conceito de ética e moral fez-se presente nas práticas normativas da sociedade “o nascimento da Ética configurou, portanto, um evento fundador na história de nossa cultura, protagonizado, sobretudo, por Platão e Aristóteles como herdeiros do ensinamento socrático” (VAZ, 2004, p. 27).

Sócrates (469-399 a.C) fundou a ética ocidental, colocou o problema da moral dentro da filosofia. Ele dedicou-se à intensa procura metódica da verdade identificada com o bem moral, em seus pressupostos “bondade, conhecimento e felicidade se entrelaçam estreitamente” (VÁZQUEZ, 2013, p. 237).

O fez enfrentando a sociedade ateniense tendo como base:

[...] o saber fundamental é o saber a respeito do homem (daí a sua máxima: “conhece-te a ti mesmo”), que se caracteriza por sua vez, por estes três elementos: 1) é um conhecimento universalmente válido, contra o que sustentam os Sofistas; 2) é, antes de tudo, conhecimento moral; e 3) é um conhecimento prático (conhecer para agir) (VÁZQUEZ, 2013, p. 237).

A ética de Sócrates é racionalista (apreciada pela razão) e pela razão o homem alcança o bem, a felicidade e as leis. O seu pensamento ético buscava demonstrar a existência de valores como o bem e a justiça como forma de estabelecer uma ordem para a sociedade alcançar a justiça, o bem e a virtude.

³ Indivíduo que age de acordo com a conduta ética em Abbagnano (2007).

Sendo discípulo de Sócrates, Platão (427 – 347 a.C) defendia a purificação do ser humano através da ética, neste sentido, o conhecimento e o cultivo de virtudes morais, anulavam as tendências negativas e controlavam as paixões, através do conhecimento usamos nossa razão para conhecer nossos deveres e cultivando valores morais podemos dominar os sentimentos próprios, como a paixão e a razão e só assim chegamos à justiça, com o equilíbrio desses três: Bem, Bom e Belo.

A virtude para Platão só é completa no convívio em sociedade, “*a sociedade perfeita*”. Ética voltada para a política. A *Pólis* é o terreno moral da vida do cidadão, porém não basta ser eticamente bom como indivíduo, mas também bom como cidadão, limitando propriedades, tornando-se vegetariano (como proposto por Pitágoras).

A ética de Platão depende intimamente, como a sua política: a) da sua concepção metafísica (dualismo do mundo sensível e do mundo das idéias permanentes, eternas, perfeitas e imutáveis, que constituem a verdadeira realidade e têm como cume a Idéia do Bem, divindade, artífice ou *demiurgo* do mundo); b) da sua doutrina da alma (princípio que anima ou move o homem e consta de três partes: razão, vontade ou ânimo, e apetite; a razão que contempla e quer racionalmente é a parte superior, e o apetite, relacionado com as necessidades corporais, é a inferior) (VÁZQUEZ, 2013, p. 238).

Platão acreditava que para cada parte da alma apresenta-se uma virtude, como: inteligência, sabedoria, vontade, coragem e esperança, juntas formam a justiça. Neste sentido, a ética é voltada para a política, “Platão eleva a herança de Sócrates a uma altitude especulativa com a qual o mestre provavelmente jamais sonhava” (VAZ, 2004, p.97)

O segundo modelo ético antigo é o de Aristóteles que “se opõe ao dualismo antológico de Platão. Para ele, a idéia não existe separada dos indivíduos concretos, que são o único existente real; a idéia existe somente nos seres individuais.” (VÁZQUEZ, 2013, p. 240)

Aristóteles admitia a escravidão como necessária e dizia que a religião tinha papel fundamental para moralizar o povo, apresentando dois tipos de *Bem* que equivale à moderação das paixões: o *Bem Instrumental* é bom porque levam a bondade e o *Bem Intrínseco* seria bom por si mesmo.

Nesta perspectiva o ponto em comum entre Sócrates, Platão e Aristóteles é que a felicidade era a conquista dos virtuosos. O bem individual e o bem coletivo

eram mostrados na decadência moral da cidade de Atenas, onde a substituição de uma sociedade tradicional era fruto da outra de natureza mercantil.

Para Aristóteles a felicidade (*eudaimonia*) “Não é prazer (*o Hedoné*), nem tampouco a riqueza: é a vida teórica ou contemplação, como atividade humana guiada pelo que há de mais característico e elevado no homem: a razão” (VÁZQUEZ, 2013, p. 274), é descrita como uma atividade da alma em conformidade com a excelência. Assim, é necessário que se tenha conhecimento sobre o que são a alma e a excelência, para que possamos determinar em que consiste a vida plena e assim compreender as condições de sua realização.

No entanto, Sócrates formulava problemas e Platão criava uma ética ideal para moldar o homem e fazer com que este vivesse com virtudes, já Aristóteles buscava a ética possível, mas que não viesse a desrespeitar as paixões humanas, que eram ignoradas por Platão, que dizia que o homem é uma simples tábua rasa onde se poderia escrever qualquer coisa nele, conforme Vaz (2004).

Com o surgimento do estoicismo e o epicurismo, “numa época de decadência e de crise social, a unidade da moral e da política, sustentada pela ética grega anterior, se dissolve” (VÁZQUEZ, 2013, p. 277). Os epicuristas viam a finalidade da vida como prazer racional, onde se limitam os desejos e superam-se as dores evitando preocupações. No entanto, o estoicismo defendia uma ordem cósmica, organizada por leis e um homem virtuoso que segue e respeita, neste contexto, e o homem deve esforçar-se em ser virtuoso e não temer a morte, sendo frio e racional, eliminando emoções e sentimentos “Para ambos, a moral não mais se define em relação à *polis*, mas ao universo. O problema moral é colocado sobre o fundo da necessidade física, natural do mundo. Por isto, tanto no estoicismo quanto no epicurismo, a física é a premissa da ética” (VÁZQUEZ, 2013, p. 242).

Os estóicos “vivem moralmente como cidadão do cosmo, não da *polis*” (VÁZQUEZ, 2013, p. 242) acreditam ter nascido para a sociedade humana, portanto nascemos para proporcionar o bem ao próximo e se contentar de exercer boas ações e não propor recompensas ou elogios. Seu subjetivismo moral não teme a morte nem os deuses, pois acreditavam que o homem vivia para si mesmo. As teorias estoicistas proporcionaram fortes influências a moral Cristã.

Para os epicuristas “tudo o que existe, incluindo a alma, é formado de átomos materiais que possuem certo grau de liberdade, na medida em que se podem desviar ligeiramente na sua queda” (VÁZQUEZ, 2013, p. 242), sendo assim,

o homem deve fugir das dores, deve cultivar as amizades universais e fugir das fontes de sofrimento como as religiões e a política, que são ilusórias e trazem sofrimento.

A física é a premissa da ética, tanto no epicurismo quanto no estoicismo, pois “o problema moral é colocado sobre um fundo de necessidade física, natural, do mundo” (VÁZQUEZ, 2013, p. 242)

A ética dos epicuristas primava pela tranquilidade, o bem estar através do individualismo, e que o homem precisa abster-se de preocupações, além de não se comprometer e não participar da política. Buscava eliminar desejos e problemas para não temer a morte. O homem, para os epicuristas, deve perder o temor pelo *religios* para buscar o bem ou o mal sucessivamente. Neste sentido, o homem definia-se moralmente a partir de sua autonomia sem intervenção divina na sua vida, assim “o homem atinge a verdade pela ‘compreensão’ ou *catalepsia* (conhecimento) do objeto, processo mediante o qual a mente se apossa, uma espécie de miragem, porque desconhecemos os desígnios do logos” (MASIP, 2002, p.23).

O período decadente do mundo antigo nos permite compreender que “o cristianismo se eleva sobre as ruínas da sociedade antiga; depois de uma longa e sofrida luta, transforma-se na religião oficial de Roma (Séc. IV)” (VÁZQUEZ, 2013, p. 243), teoricamente, ao misticismo, para negar a realidade com tendências pessimistas fazem surgir diversas ideias de seitas morais, como o ceticismo, o epicurismo e o estoicismo, alterando a concepção da ética, pois aqui os bens, os fins não se encontram mais na natureza, na razão e no homem, esses fins são ditados de forma heterônoma por conteúdos religiosos, como é comum no mundo medieval, “na religião cristã, o que o homem é e o que deve fazer definem-se essencialmente não em relação com uma comunidade humana ou com o universo inteiro, mas, antes de tudo, em relação a Deus” (VÁZQUEZ, 2013, p. 244). Portanto, o homem fica subordinado ao divino, assim ele é participação do divino e alienação. No entanto, a salvação é a recuperação da unidade perdida.

Os princípios básicos da ética cristã é que a felicidade consiste na união com Deus, existe uma vida espiritual depois da terrena que “pretende elevar o homem de uma ordem terrena para uma ordem sobrenatural” (VÁZQUEZ, 2013, p. 244). Portanto, alguns princípios morais eram de caráter imperativo e incondicionado por, teoricamente, virem de Deus, isto é da fé religiosa. Institucionalizada.

Na Grécia, os modelos éticos da idade clássica caracterizaram-se pela extensão da sociedade moral, porém essa doutrina cristã revoluciona a ética, por introduzir concepções religiosas ditas sagradas, que vêm da dependência de Deus, e o homem só alcançaria a bondade se seguisse os desígnios de Deus.

Já no fim da Idade Média, verifica-se:

[...] uma ética limitada pela sua índole religiosa e dogmática. Nesta elaboração conceitual dos problemas filosóficos em geral, e morais em particular, aproveita-se a herança da Antiguidade e particularmente de Platão e de Aristóteles, submetendo-os respectivamente a um processo de cristianização. (VÁZQUEZ, 2013, p. 246)

São Tomás de Aquino (1226-1274) fundamentou na lógica aristotélica os conceitos de Santo Agostinho (354-430) de pecado original, onde o homem é bom por natureza, mas, sua natureza provoca a tendência ao mal, e para superar esse pecado necessita de Deus. Tomás de Aquino une o intelecto grego ser seguidor de Aristóteles à doutrina cristã.

Para tanto, a filosofia moderna reduz o homem à razão, neste período, a ética se caracteriza pelo contraste à ética Teocêntrica e Teológica da Idade Média. A ética moderna surge com a sociedade que sucede a sociedade feudal da Idade Média a, moldada pelas consequências da Reforma Protestante que provoca um retorno aos princípios básicos da tradição cristã, porém o indivíduo passa a ter responsabilidades, tomadas como mais importantes que obediências aos ditames religiosos e a autoridades e costumes, assim, com essa transformação, em várias ordens, leva o surgimento da ética moderna.

Através das mudanças na ciência, na política, na economia, na arte e principalmente na religião, onde se transfere o centro de Deus para o homem que passa a adquirir um valor pessoal, que “[...] acabará por apresentar-se como o absoluto, ou como o criador ou legislador em diferentes domínios, incluindo nestes a moral” (VÁZQUEZ, 2013, p. 248)

Em “Descartes (Século XVII) já se esboça claramente a tendência a basear a filosofia no homem, embora este ainda se conceba como um abstrato eu pensante” (VÁZQUEZ, 2013, p. 248) deixando de ser influenciada pela religião. Aqui está explícito o Racionalismo Cartesiano.

O idealismo alemão de Kant (1724-1804) segundo Vázquez (2013) aparece com a ética do dever. A figura mais expressiva da ética moderna. Ele dizia que a moralidade de um simples ato não pode ser julgada por suas consequências, mas

pela motivação ética, pois é na dignidade pessoal que reside o fundamento objetivo da lei moral, o homem como fim e o mundo como meio.

Para Kant, “aquilo que não procede da experiência mas pertence ao sujeito *a Priore* e é sobreposto à experiência pelo próprio sujeito, a *Crítica da Razão Prática* afirma que a lei moral não pode ter origem da experiência (prazer, utilidade, felicidade)”(MASIP, 2002, p.36). Assim é possível dizer que as normas morais devem surgir da razão humana. Kant, segundo Vázquez (2013), acreditava que por natureza o homem é egoísta, ambicioso, destrutivo, agressivo, cruel, ávido de prazeres que nunca consegue saciar e pelo qual o homem mata, mente rouba. É justamente por isso que precisa do dever para se tornar um ser moral.

Assim Kant opunha-se a moral de Rousseau. O homem se sente responsável pelos seus atos e tem consciência de seu dever, porém essa consciência obriga-o a supor que é livre e dá a si a sua própria lei. Em Kant, o centro da reflexão é o sujeito pensante de onde gera o conhecimento exercendo uma ação e decidindo sobre esta. Ele recusa a moral heterônoma, por terem leis impostas por autoridades alheias ao sujeito. Sua ética é autônoma, pois surge da boa vontade do sujeito e daí os deveres.

Kant sustenta a opinião de que o dever não era empírico, pois se fosse tirado da experiência, não existiria o sentido da razão.

Hegel (1770-1831). Compreende a ética como filosofia do direito. O conceito de Estado representa o ponto de partida e chegada de sua ética (hegeliana), onde a finalidade subjetiva coincide com o que se acha objetivamente realizado pelo Estado.

Hegel despreza a ciência como forma de conhecimento. Dizia que não existe sociedade se não existir um Estado que a construa. Em Hegel:

O sujeito é a Ideia, Razão ou Espírito absoluto, que é a totalidade do real, incluindo o próprio homem como um seu atributo. A sua atividade moral não é senão uma fase do desenvolvimento do Espírito ou um meio pelo qual o Espírito - como verdadeiro sujeito - se manifesta e se realiza” (VÁZQUEZ, 2013, p. 286).

A crença no poder emancipador da razão constitui, para a maioria dos intelectuais modernos, algo inquestionável. Autores, como Descartes, Bacon, Kant, Hegel, Diderot, Voltaire, Rousseau e o próprio Marx, compartilham da tese de que por meio da razão, e especialmente da ciência, o homem poderá atingir os ideais de

felicidade, de justiça, de fraternidade, e constituir uma sociedade igualitária conforme Muhl (1996).

A ética contemporânea também surge numa época de progressos em varias ordens, e exercem seus influxos até os dias de hoje. “No plano filosófico, a ética contemporânea se apresenta em suas origens como uma reação contra o formalismo e o racionalismo abstrato kantiano” (VÁZQUEZ, 2013, p. 251), e também no racionalismo de Hegel.

Projetado principalmente em Kierkegaard, Sartre, Heidegger, Karl Jaspers, Camus e Ponty, eis que surge o existencialismo moderno, essa doutrina objetiva compreender a existência humana e esta dividida entre filósofos cristãos e ateus.

A filosofia contemporânea tem várias correntes onde os filósofos e pensadores assumem posições e na logicamente. Está inicialmente presente em Sören Kierkegaard (1813-1855). “O medo faz você se encontrar em uma situação existencial”, essa era a máxima do pai do Existencialismo. Filósofo cristão e crítico de Hegel. Inspirou o Existencialismo e a Psicanálise. Ele distingue três degraus na existência individual: O Estético (visa sempre o prazer. Faz o que lhe der na cabeça. É sedutor, vulgar. Seduz pelo objeto que tem), porém cai no desespero e então tenta alcançar o estágio Ético, o homem casa, segue regras, mas também se desespera. Ele pauta seu comportamento por normas morais. Neste estágio ele permanece livre, porém nos limites estabelecidos pela sociedade em que vive. “O estágio é marcado pela seriedade e por decisões consistentes tomadas segundo padrões morais” (GAARDER, 2001, p. 409). O estágio religioso, aqui alcança uma relação particular com o absoluto. Procura Deus, que se torna sua regra, e fonte capaz de realizá-lo plenamente. Este estágio é o cristianismo.

Jean Paul Sartre (1905-1980). Afirmava que o homem estava condenado a ser livre, e a moral não teria que vir de Deus, é o homem quem cria valores, e o valor máximo é o da felicidade junto à responsabilidade. O valor máximo não está em minha liberdade, mas na liberdade coletiva, pois meus atos repercutem em mim e nos que me cercam. Sartre afasta-se de Kierkegaard justamente por seu ateísmo. O homem é liberdade e cada indivíduo escolhe livremente, conseqüentemente ao escolher, cria valor, porém ao escolher essa liberdade, comprometo a mim e os outros.

Neste contexto, o Pragmatismo como doutrina ética nasce e se difunde nos EUA com William James (1842-1910). Em 1898 nasce como corrente filosófica e é herdeiro do empirismo inglês de Bacon (1561-1626). O pragmatismo é chamado por Ferdinand Schiller de Humanismo, e “vê todo o conhecimento e todas as idéias como instrumentos, para o homem realizar conquistas materiais.” (SOUZA, 2002, p. 47).

Seus seguidores são: John Dewey, Charles Peirce, George Mead. A máxima do pragmatismo era que tudo o que é útil, que leva ao sucesso e a glória é verdadeiro.

Influenciada pelas idéias de Hegel do início do séc. XIX, e adequadas no mesmo período, por Karl Marx (1818-1883), surge o marxismo, explicitação materialista dos fatos econômicos e históricos, considera o capitalismo concentrando riquezas em mãos menos numerosas. Os fatos econômicos são a causa determinante dos fenômenos históricos e sociais, e a igualdade jurídica serve para separar o elemento da vida econômica, da figura jurídica de cidadão. O cidadão é uma hipótese jurídica.

Na visão de Marx, (baseando-se em Aristóteles), para existir justiça deve existir desigualdade entre os homens, porém o direito deve ser o mesmo, pois deve ser igual para todos. No direito todos são iguais perante a lei. Para alguns autores, Marx entendeu em sua análise filosófica que a única forma de Equidade da sociedade humana era o comunismo.

Sendo que, a Ética Comunicativa do filósofo alemão Jürgen Habermas, defende uma ética universal, onde se desenvolvem elementos do diálogo, e neste busca-se a razão. Mais especificamente a razão comunicativa que não está necessariamente consumada no meio, ela precisa ser moldada através de argumentos que levam a um entendimento, isto é, é construída na subjetividade. Distingui-se de Kant por não ser monológica como a razão reflexiva deste, mas na razão comunicativa entre sujeitos. “Pressupõe que a interação entre os sujeitos se dê a partir do entendimento e não da dominação para que possa se estabelecer o mundo da cooperação” (MARTINS, 1994, p. 4).

No entanto, para Friedrich Nietzsche (1844-1900) iniciou a ética dos valores, pois buscava a revalorização de todos os valores. Foi inicialmente um adepto do pessimismo de Schopenhauer. Sua oposição à aceitação do sofrimento pela moral cristã cria a moral anticristã e atéia, com a imagem de super-homem (vontade de

superar-se constantemente), uma nova visão de homem, onde este decide se está bem ou mal. Nietzsche recusa todas as éticas anteriores, principalmente o cristianismo e o judaísmo, porque crê que defende uma “*moral escrava*” (humildade, pobreza, obediência), pois para ele “grande parte das pessoas adota uma ‘moral de rebanho’, baseada na submissão irrefletida aos valores dominantes da civilização cristã e burguesa” (CONTRIM, 2002, p. 214). Assim, “Nietzsche tomou a vontade de poder como base para uma moral pretensiosamente superior, a moral dos senhores: bom é o que fortalece aos mais nobres” (TUGENDHAT, 2000, p. 234).

Para Nietzsche a conduta moral só era necessária ao fraco, uma vez que visa a permitir que este impeça a auto-realização do mais forte. Ele chama a moral cristã de moral.

Para Bertrand Russell (1872-1970) marcou o rumo do pensamento da ética ao afirmar os juízos morais como a causa da expressão de desejos individuais e onde os humanos participam da vida social, são aqueles realmente completos e aceitos onde expressam sua natureza.

A partir de Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão influenciado por Nietzsche e Kierkegaard, para ele, o homem está sozinho no mundo e precisa assumir decisões éticas com a consciência da morte. Para existir é preciso encontrar-se no mundo e no tempo como ser finito, o *Dasein*, um “ser-lançado-no-mundo”. Este implica a relação com outro *Dasein*. O homem existe e então decide o que deverá ser. Todo o projeto humano está na dependência da morte que é o aniquilamento do eu, ou extermínio do indivíduo, por isto é tão angustiante, porém é preciso viver em angústia para alcançar a plenitude, que vem com a aceitação da morte, pois então deixa de temê-la, e aí o *Dasein* alcança sua autenticidade, mas ainda pertence ao nada. Quanto ao tempo, o *Dasein* de nascer é o nada, quando morre torna-se nada, e do nada ao nada se totaliza.

As teorias filosóficas referentes à ética contribuíram para o entendimento e a formação de diversas afirmações éticas e morais, e assim a ética é capaz de compor diferentes relações conceituais, que provocam nuances dos termos para entendimento filosófico e do próprio senso comum.

Sendo assim, a ética seria então uma espécie de teoria sobre a prática moral, uma reflexão teórica que analisa e critica os fundamentos e princípios que regem um determinado sistema moral. O dicionário Abbagnano, entre outras considerações nos diz que a ética é “em geral, a ciência da conduta” (ABBAGNANO,

2007, p. 360) e Vázquez (2013, p.12) amplia a definição afirmando que “a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano”.

A ética pode também contribuir para fundamentar ou justificar certa forma de comportamento moral. Assim, se a ética revela uma relação entre o comportamento moral e as necessidades e os interesses sociais, ela nos ajudará a situar no devido lugar a moral efetiva, real, do grupo social. Por outro lado, ela nos permite exercitar uma forma de questionamento, onde nos colocamos diante do dilema entre "o que é" e o "que deveria ser", imunizando-nos contra a simplória assimilação dos valores e normas vigentes na sociedade e abrindo em nossas almas a possibilidade de desconfiarmos de que os valores morais vigentes podem estar encobrindo interesses que não correspondem às próprias causas geradoras da moral. A reflexão ética também permite a identificação de valores petrificados que já não mais satisfazem os interesses da sociedade a que servem.

Esta questão de trabalhar as relações, consiste num dado relevante na formação docente. Procurando auxiliar o autoconhecimento e a identificação da alteridade, fundamentando-se na ética para o desempenho das suas ações.

Sendo a ética uma ciência, devemos evitar a tentação de reduzi-la ao campo exclusivamente normativo. Seu valor está naquilo que explica e não no fato de prescrever ou recomendar com vistas à ação em situações concretas, também não tem caráter exclusivamente descritivo, pois visa investigar e explicar o comportamento moral, traço inerente da vida humana.

Não é função da ética formular juízos de valor quanto à prática moral de outras sociedades, mas explicar a razão de ser destas diferenças e o porquê de os homens terem recorrido, ao longo da história, a práticas morais diferentes e até opostas.

Para tanto, as reflexões expressas neste estudo estão organizadas em etapas precisas para contemplar a compreensão da temática a partir de um breve histórico introdutório, adentrando as concepções éticas e morais para fundamentar as reflexões que contemplam a formação docente diante dos dilemas sociais, reconhecendo os dilemas éticos e morais a partir de cada época.

CAPÍTULO II - AS DIMENSÕES ÉTICAS E MORAIS NA BASE DA FORMAÇÃO DOCENTE

Este capítulo constrói-se a partir de reflexões sob a influência da compreensão de ética e moral na base de formação docente, ressaltando a “presença da dimensão ética ligada às demais dimensões da competência profissional” (RIOS, 2011, p. 13) sob alguns enfoques discutidos em abordagens contemporâneas, revelando as análises que resultaram na produção deste trabalho a partir do conceito de ética e moral.

Pensamos que a esta altura do texto pode se elucidar das dimensões éticas inerentes à prática profissional nas concepções de Veiga (2005), levando em conta que a formação docente constitui-se de reflexões teóricas e filosóficas voltadas para a área educacional, com influências das características institucionais. Impõe-se, pois, pensar sobre a relevância das concepções éticas e morais no desenvolvimento das competências pedagógicas.

Neste contexto, pode-se definir que, é através da formação docente que os discentes desenvolvem as concepções que fundamentam suas ações, dessa forma “a ética se mostra como elemento indispensável, questionando os valores que sustentam as ações, perguntando pelos fundamentos, problematizando as escolhas e decisões realizadas no âmbito da moral” (RIOS, 2011, p. 93).

A concepção de pesquisa aqui utilizada pressupõe uma prática de múltiplas possibilidades de compreensão da realidade. De acordo com Bourdieu (1994) o conhecimento implica no duplo processo de exterioridade e de exteriorização da interioridade. Assim o autor esclarece que

[...] é necessário e suficiente ir do *opus operatum* ao *modus operandi*, da regularidade estática ou da estrutura algébrica ao princípio de produção dessa ordem observada e construir a teoria da prática ou, mais exatamente, do modo de engendramento das práticas, condição da construção de uma ciência experimental da dialética da interioridade e da exterioridade (BOURDIEU, 1994, p. 60).

Nesta perspectiva, busca-se analisar de que modo se configura a compreensão de ética e moral na base de formação profissional do acadêmico de pedagogia? Os dados são composto por uma amostra aleatória de alunos do Curso de Pedagogia no CFP/UFCG através de um questionário aplicado. No movimento da pesquisa adotamos alguns critérios que caracterizam esta pesquisa como qualitativa

e quantitativa através da utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite coletar mais informações do que se poderia conseguir isoladamente Fonseca (2002).

Uma vez trilhado o percurso metodológico, partiu-se para a pesquisa de campo. Nessa ocasião refleti-se que a ética foi sempre vista como meio de educar indivíduos, pois a principal tarefa da ética é a educação do caráter e da natureza humana, sem perder o domínio das paixões pela razão. No entanto, A formação acadêmica pode levar o futuro professor a assumir valores éticos e políticos na sua ação educativa? Severino(2011).

Apropriando-se da questão de Severino (2011) busca-se conceituar como os discentes acadêmicos em Pedagogia no Centro de Formação de Professores (CFP) compreendem a ética. Em resposta obtivemos: que “Ética é ter prudência em tudo que se faz, principalmente no profissional. É ser leal e respeitoso com nossas responsabilidades, é ser digno e pensar com humanidade diante do que estamos desempenhando” (DICENTE A).

A ética neste conceito é apresentada como a própria responsabilidade pessoal desenvolvendo a participação social através da “reflexão sobre o ato moral que legitima nossas relações sociais, introduz, no ambiente educativo, a dimensão do sujeito” (SEVERINO, 2011, p. 49). Neste sentido, precisa-se estar convicto de suas ações não só na tendência pessoal individualista, mas na social e civil que está ligada à democracia que se apresenta na fala da DICENTE C. “Ética é respeitar ao próximo, respeitando as condutas, os hábitos, compreendendo a vida de cada indivíduo”.

Neste sentido, a “ética tem fontes, raízes, está presente como sentimento do dever, obrigação moral; permanece virtual dentro do princípio da inclusão, fonte subjetiva individual da ética” (MORIN, 2007, p. 29), estabelecendo os princípios normativos que regem as relações humanas. Porém, na educação, a ética toma espaço decisório por ter em seu meio, ações geradoras de conhecimento que norteiam inúmeras questões e por ter papel de formar, ao lado da família e da sociedade, cidadãos éticos que na palavra da DICENTE F “Acredito que seja ter princípios”.

Ao conceituar ética com *princípios* (grifos nossos) percebe-se que, “A ética é a teoria ou ciência do comportamento dos homens em sociedade” (NETO, 1988, p.

29) onde a personalidade desta, reflete as expectativas que a cercam, sejam estas positivas ou não. Assim é através da:

[...] ética que somos levados a assumir uma atitude de desvelamento, substituindo a educação *bancária* por uma ação verdadeiramente democrática e mais profunda, numa perspectiva de relações pedagógicas de autonomia, em direção ao outro sujeito e superando as marcas da natureza, da história, da cultura e da sociedade (SEVERINO, 2011, p. 50).

Sendo assim, a educação implica no processo amplo de transformação e desenvolvimento humano e não no acúmulo de informações, constituindo-se de um processo de mediação do conhecimento atrelada ao senso de cidadania, já que, a educação está associada à formação ética.

Embora que, as reflexões apresentadas até o presente momento venham contemplando, uma percepção de ética voltada à formação humana de caráter geral identificamos através do conceito da DICENTE B que a “Ética é a consciência que o ser humano tem dos seus deveres para com os outros e consigo mesmo...Envolve a maneira de se vestir, pontualidade, perfeição profissional e respeito ao próximo”. Esses argumentos nos remetem a afirmar que o conceito exposto acima vai ao encontro da DICENTE D quando a mesma apresenta que “a ética permite ao ser humano, tomar decisões satisfatórias a você e ao outro a fim de promover o bem. É através da ética que desenvolveremos ações cotidianas que realizem o bem e a satisfação ao fazer algo”.

A ênfase apresentada nos conceitos percorridos pelas *discentes* sobre ética tem um caráter normativo “que vigora de fato numa comunidade humana moderna” (VÁZQUEZ, 2013, p.21).

Para Vázquez (2013) a ética é ciência da moral, mas, é importante lembrar que a concepção da própria ética pode ser dimensionada como ética filosófica ou ética científica. Nesse sentido, a ética filosófica ou filosofia moral, tende a ter um caráter normativo e de prescrição, ansiosa por estabelecer uma moral universal, cujos princípios eternos deveriam inspirar os homens.

Nas palavras da *Dicente E* a ética é definida como:

[...] a consciência de todas as ações sejam pessoais, profissionais ou sociais. Neste momento quero enfatizar que não existe uma ética para cada espaço que eu possa atuar. Assim a ética pessoal expresso nas condutas morais de minhas ações são reflexões que premiaram minha mente antes e depois de minhas ações. Podemos até confundir a ética com a moral, pois ambas tem relações, mas sei que cada uma delas apresenta conceitos definidos.

Nas definições conceituais acima identifica-se que ética e moral se apresentam como uma ciência específica e seu objeto. Ambas as palavras mantêm assim “uma relação que tinham propriamente em suas origens etimológicas” (VÁZQUEZ, 2013, p. 24). Ética e moral são dois termos que, muitas vezes são utilizados de forma indiferenciada, como se fossem termos sinônimos comprovados nas definições da *Discente G* quando a mesma apresenta:

Bem! A ética está nas organizações manifestadas em práticas, assim a sociedade passa a se desenvolver através de um princípio. Quando falo em princípio é para me voltar para as regras da sociedade que regulamenta o que devo e não devo fazer para permanecer considerado moralmente nas relações pessoal e profissional.

É através desta constatação que o interesse em evitar equívocos desta natureza desenvolvendo reflexões que possibilitem aos leitores desta produção monografica compreender que “diferente da moral, que tem um caráter normativo, a ética tem um caráter reflexivo” (RIOS, 2011, p.94). Assim compreendemos que a consciência moral pode ser definida como a capacidade de auto reflexão do bem e do mal associados às condutas regidas por um padrões de dever.

O ser humano é um ser dotado de razão e capaz de realizar ações voluntárias, conscientes e intencionais. Só nessa condição se pode falar de um ser moral, de uma pessoa capaz de optar por uma de várias alternativas, de acordo com o que lhe dita a sua consciência.

Agir moralmente é agir de forma livre, intencional e consciente e, por isso, não julgamos como imorais os atos realizados pelos animais em nome da sua sobrevivência, nem os comportamentos inadequados para alguém dotado de razão é uma possibilidade!

O sujeito moral é, assim, uma pessoa enquanto é um ser singular, livre, responsável, com dignidade. Somente nestas condições as suas ações podem ser julgadas como morais ou amorais e o sujeito pode ou não ser.

Em Vázquez (2013) a ética se refere a uma postura reflexiva sobre as questões dos valores e princípios axiológicos; enquanto a moral se refere à expressão normativa resultante deste esclarecimento. A primeira se refere a questões teóricas e a segunda a questões práticas. Uma, porém, está contida na outra e ambas não se excluem mutuamente, juntas constituindo a práxis axiológica. Tanto a reflexão sobre os princípios quanto as normas que os aplicam, são importantes para orientar o comportamento humano. Submeter-se a uma norma,

simplesmente porque ela é imposta, despersonaliza e massifica. A afirmação de sujeitos livres e autônomos exige uma compreensão ética e o assumir consciente dos ditames de uma lei. Somente uma compreensão ética constrói a capacidade de tomar decisões e de agir com responsabilidade.

A ética esta na base de todas as intencionalidades, pois bem, as teorias nos colocam em reflexões constantes, sobre o que é bom para mim, nem sempre é bom para os demais, assim a ética é o pensamento do bom e do belo. Mas, falar em ética me remete a uma complexidade que não encontro uma definição distinta para situar no contexto atual uma especificidade, assim me refiro ao contexto atual, pois bem, a ética é definida de acordo com cada contexto, e é por estar em um contexto modernizante que me pergunto qual definição podemos atribuir à ética nas para as práticas de uma sociedade na qual os valores são regulam mais as relações estabelecidas entre seres sociais. (DISCENTE H).

Nesta definição acima, a “ética manifesta-se para nós, de maneira imperativa, como exigência da moral” (MORIN, 2007, p. 19). Apresentando-se como uma reflexão crítica sobre a moralidade, sobre a dimensão moral do comportamento do homem. Para Rios (2011) “A cidadania, então, uma consciência de pertença a uma comunidade e de responsabilidade partilhada. Ela ganha seu sentido num espaço de participação” (p.96).

Essa visão cidadã requer uma ética que ultrapasse o necessário, mas insuficiente, ideário contemplativo, e de fato possa discutir, problematizar e orientar as ações humanas, sempre espacial e historicamente contextualizadas. Assim, a ética é “a mais profundamente significativa de nosso *ser*, e foi a intuição dessa excelência que, desde Platão, assegurou à Ética um lugar eminente no sistema das razões filosóficas (VAZ, 2004, p.19).

A filosofia ética é intrinsecamente transformadora, uma vez que revoluciona a forma de pensar em nós mesmos e nos outros, de pensar a nossa relação com o mundo. Nada pode ser pensado da mesma forma quando o nosso pensamento percorre seus caminhos. Nossas reflexões são complementadas na definição da DISCENTE I quando expressa que:

As teorias nos colocam frente às definições de ética, me faz pensar numa complexa história na evolução de uma sociedade, assim... é ...bem, a ética, passou a ser pensamentos das práticas sociais que se realizam na forma de fazer para si e para o outro. (DISCENTE I).

Conciliar motivações e interesses que movem as ações humanas não se constitui uma tarefa simples. Criar critérios éticos é um esforço que se observa

desde os gregos antigos até os mais contemporâneos dos homens com a finalidade de promover o bem viver na coletividade. Pois “a reflexão grega neste campo surgiu como uma pesquisa sobre a natureza do bem moral, na busca de um princípio absoluto da conduta” (VALLS, 2008, p. 24).

No entanto, há quem possa compreender que a ética se reduz a um conjunto de regras que determinam o comportamento dos homens em sociedade, entretanto, ela não se subjugua a um mero receituário do agir social, assim identificamos nas concepções da *Dicente J* que:

Sempre entendemos a ética como conhecimento e reconhecimento das condutas sociais, é na ética que o ser humano sabe que não pode matar, mas mesmo assim ainda identificamos essa ação, bem, eu falo desse exemplo para relatar nossa realidade. Mas quero deixar claro que a ética é saber agir, assim pensar e mesmo assim agir.

Concordando com o exposto pela discente que constitui-se o quadro de sujeitos deste trabalho, pode-se questionar sobre a conduta ética do contexto atual. Se o fundamento do ato ético depende do desejo de cada um de nós, deveríamos existir como seres isolados e independentes uns dos outros. Mas nossa realidade é individual e social, ao mesmo tempo. Somos seres sociais e não vivemos abstraídos das relações com os outros.

Severino (2011, p. 193) enfatiza que “a ética contemporânea entende que o sujeito se encontra sob as injunções da história que até certo ponto o conduz, mas que é também constituída por ele, por meio de sua prática efetiva”. Está inscrita não na natureza ou essência humana, como foi entendida em outras épocas, mas no caráter social e histórico, na dimensão coletiva e política da existência dos indivíduos.

Verifica-se que, corriqueiramente, a ética é confundida com a moral. Muito embora não sejam sinônimas, ambas estão intimamente relacionadas. Vázquez (2013), Rios (2011) e Severino (2011) esclarecem que essa indistinção entre os termos se dá pela proximidade entre os conteúdos de significância de ambos. A palavra latina *mores* e agrega *ethos*, deram origem aos termos moral e ética, respectivamente, que, em linhas gerais, tratam dos costumes das pessoas em sociedade.

Temos compreendido que existe um fundamento muito mais significativo para a conduta ética e a solidariedade. Ela, sim, é, um fundamento consistente para a conduta ética do ser humano. Enquanto as posições tomadas pelos filósofos, o

longo do tempo, no ocidente, são abstratas, a solidariedade é concreta, na medida em que o eu e o outro relacionam-se na concretude do dia a dia. É no processo desse relacionamento que podemos encontrar um fundamento consistente para o nosso agir ético, seja nas relações sociais. Sob essa linha de raciocínio a *Dicente K* afirma que:

Ética é reflexão da prática, aprendi a conceituar na universidade, mais quero dizer que a ética esta em todos os seres humanos, exemplo eu que não sabia que existia essa palavra e ao entrar na faculdade passei a me encontrar com palavras difíceis, eu até me perguntava para que serve tantas palavras se eu posso dizer que a ética é apenas fazer o bem.

Percebe-se ao contemplar o desenvolvimento humano e social das comunidades, subentende-se que se encontra implícita uma formação embasada nas questões filosófica e ética, já que o projeto institucional contempla profissionais qualificados a atuarem e influírem no mercado de trabalho, mediante efetiva interação entre o saber teórico, interdisciplinar e científico e a realidade prática, ou seja, uma formação com vistas à transformação da sociedade.

Nesse sentido. Nos filiamos ao pensamento de Morin (2007, p. 11) que afirma que “uma educação só pode ser viável se for uma educação integral do ser humano. Uma educação que se dirige à totalidade aberta do ser humano e não apenas a um de seus componentes”.

Contudo, a consciência moral não é inata, ou seja, não nasce conosco. A consciência moral vai-se adquirindo e desenvolvendo a medida em que se vá não somente agindo a partir dos princípios interiorizando as noções de bem e de mal nesta ou naquela intenção. As normas de comportamento. Além disso, a consciência moral amadurece e assume-se como uma dimensão pessoal no sentido em que cada um se autodetermina por princípios racionalmente justificados.

Dando seqüência as reflexões propostos neste capítulo, busca-se ainda a outras concepções de moral das discentes colaboradoras deste trabalho. Nas abordagens conceituais das discentes identifica-se que:

Definir moral é falar de regras, assim fica complexo dizer que existe um conceito distinto, a moral nada mais é do que as ações que organizam a vida em sociedade. É complexo falar sobre moral, pois a evolução dos conceitos são de acordo com a sociedade da época, assim a moral está em constante modificação, mas sempre ligada a busca do melhor para atender ao ser humano (DICENTE F).

Nas definições acima a moral são regras construídas a partir do contexto vivenciado, no qual vê-se o mundo como resultado de formação do homem na escola, mas se vê a escola em si como dimensão na qual se desenvolve a base do processo de si e das relações para além da própria escola.. Assim entendemos que é “um conjunto de normas e regras destinadas a regular as relações dos indivíduos numa comunidade social dada, o seu significado, função e validade não podem deixar de variar historicamente nas diferentes sociedades” (VÁZQUEZ, 2013, p. 37).

Desse modo, entende-se como moral, um conjunto de costumes e juízos construídos a partir de um indivíduo ou de uma sociedade, com fundamento sempre em uma concepção de homem e de mundo, tendo a função de orientar a ação humana e organizar as relações dos indivíduos na sociedade. A moral apresenta variações no tempo e no espaço. Cada sociedade em sua época possui uma forma peculiar de entender o homem e o mundo, neste sentido, as concepções são produtos históricos, sociais e culturais de cada época. Com base nessas compreensões, estabelecem, para organizar esta vida em sociedade, um pacto através de regras e normas de conduta explícitas ou não. Portanto, é na socialização que a moral se justifica, e por assim dizer, encontra sentido.

Assim, a moral passa ser “normas e regulamento que trazemos consigo a partir do tipo de educação que nos foi oferecido, e também pela convivência com o outro” conforme o assegurado pela *Dicente A*, a moral é sempre construída socialmente, por isso apresenta diferentes naturezas em diferentes espaços e em diferentes tempos. Muitas vezes é confundida com a ética, por estar com ela estritamente vinculada. Esta confusão acontece, pois é notória a variedade de termos expressões que são utilizadas para formular o universo daquilo que é moral, evidenciando que:

A moral só pode surgir — e efetivamente surge — quando o homem supera a sua natureza puramente natural, instintiva, e possui já uma natureza social: isto é quando já é membro de uma coletividade (*gens*, várias famílias apresentadas entre si, ou *tribo*, constituídas por várias *gens*). Como regulamentação do comportamento dos indivíduos entre si e destes com a comunidade, a moral exige necessariamente não só que o homem esteja em relação com os demais, mas também certa consciência — por limitada e imprecisa que seja — desta relação para que se possa comportar de acordo com as norma ou prescrições que o governam (VÁZQUEZ, 2013, p. 39).

É importante ressaltar que as sociedades não possuem apenas um conjunto de regras. Especialmente no momento em que vivemos, onde as diversidades se

mostram cada vez maiores e a necessidade de se estabelecer uma relação de respeito e de convivência entre elas é cada vez mais necessária. Assim:

Agir dentro de normas sociais, mesmo que seja para atender a um determinismo que grupos sociais pensaram ser o que necessitam para atender as relações do momento. Assim a moral é estabelecida em regras de condutas que organiza a vida dos seres humanos sociais, regendo de fundamentos para as relações (DICENTE G).

Nestes argumentos as ideias apresentadas se aproxima com a definição de que a “Moral é o que aprendemos a fazer para não sair das estruturas sociais que regem a sociedade” (DICENTE B), neste sentido as reflexões desenvolvidas no âmbito da formação fazem-se necessária para elucidar que :

A docência tem, em primeiro lugar, um caráter educativo. Isso é óbvio, dirão alguns. Entretanto, vale dizer, com Darcy Ribeiro, que o óbvio não é tão óbvio assim. O que faz o professor? Ensina. Aprende, enquanto ensina. Constrói conhecimentos, transforma a realidade, socializa cultura, partilha valores. Essas são ações educativas (PIMENTA; ALMEIDA, 2011, p. 234).

A formação docente se mostra potencialmente como um lugar de reflexões sobre essas complexidades. Por isso a formação docente não pode se isentar da reflexão sobre o homem e a moral, já que, também influencia o indivíduo na medida em que valores e regras são transmitidos pelos materiais didáticos, pela organização trabalhos acadêmicos, pelas formas de avaliação, pelos comportamentos dos alunos e principalmente, pelas atitudes dos professores.

Dessa forma, “o processo educativo é sustentado, em raiz, pela ética, que é a própria ciência do ato de ensinar” (SEVERINO, 2011, p. 51). A questão moral está, portanto, vinculada à educação, e por isso intrínseca à prática social. Observando as teorias educacionais presentes na história da educação, nota-se que houve preocupação com a formação moral do homem. É possível afirmar que os

Princípios de ética e de política na formação docente são fundamentos, dessa forma, para instrumentalizar os caminhos da escolarização. Ética e política estão presentes para fazer desenvolver nos alunos da graduação, futuros educadores, a compreensão da estrutura do seu processo de aprendizado, aprofundando-o numa dimensão efetiva da educação (SEVERINO, 2011, p.55).

É neste sentido que enfatiza-se a necessidade de proporcionar durante a formação docente teorias contemporâneas que contemple reflexões embasadas, norteadoras de concepções históricas, sociais, culturais e religiosas de cada contexto. A respeito desta perspectiva a *Dicente H* define que

A moral pode ser definida como organização do pensamento em concreto, deixa eu te dizer..... a moral é bem.... assim as pessoas aprendem a obedecer padrões e isso é a moral, mesmo que nem sempre é bom para mim, mas eu cumpro e isso vem a ser bom para o padrão. Agindo assim eu passo a ser um ser social, sabe... quando a sociedade é excludente como a nossa devemos atender a essas regras que ditam a moral do ser, pois bem... cada pessoa tem seus limites e limites descrevem apenas que eu não posso ir além daquilo, isso é moral ou amoral? Agora me confundo, não posso dizer que tenho conduta moral se não cumpro o que é imposto.

Proporcionar aos discentes perspectivas de análises para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais nos quais se dá sua atividade docente é possibilitar uma mediação entre os significados dos saberes da docência no mundo atual e aqueles contextos nos quais foram produzidos, incorporando aspectos éticos e morais tanto na formação de conceitos como nos próprios embasamentos teóricos necessários à compreensão e procedimentalizações de práticas docentes.

Assim, pensamos que:

A atuação dos docentes do ensino superior tem grande incidência em toda a sociedade, pois o preparo de todos os tipos de profissionais que necessitam de formação especializada está sob sua responsabilidade. Para além do ensino dos conhecimentos técnico – científicos especializados, base para a atuação competente nos mais variados tipos de especialização profissional, as dimensões da ética e da responsabilidade social são atribuições do seu trabalho (PIMENTA, ALMEIDA, 2011, p. 7).

Para formar profissionais competentes enfatizamos a necessidade de discutir sobre conceitos éticos e morais no ensino superior, isso significa que, refletir sobre o cotidiano que o cerca, embora poucas vezes tenham sido feitas estas reflexões na sala de aula. Muitas vezes há confrontos sobre os conceitos de saberes e práticas, como são construídos e mobilizados. Essas inquietações são oportunas, pois possibilitam a investigação e compreensão desses conceitos, apresentando outros significados:

A exigência da necessidade ética emerge no exercício da ação interpessoal, ou seja, ela se impõe prioritariamente quando está em pauta o agir em relação a outros. E seu surgimento e instauração se constituem em referência ao reconhecimento e respeito da dignidade da pessoa humana (SEVERINO, 2011, p. 130).

Com essas reflexões pode se notar que é necessário mergulhar no campo das discussões e cercar-se de todos os conceitos que se faça desvelar ideias. Pois as respostas influenciam sobremaneira o entendimento sobre ensino, a relação com

os alunos, o modo como é construído e mobilizado o próprio saber, materializando-se na prática.

Severino (2011) chama nossa atenção para o fato de que:

Sem dúvida, não se aprende ética do mesmo modo que se aprende de matemática. Isso não obstante, é possível e necessária uma mediação pedagógica para que os futuros educadores possam incorporar a preocupação e a atitude ética, a não faltar em seu rigor cotidiano (p.131).

Considerando que a docência é uma profissão, esta precisa ser aprendida, ninguém nasce professor, ao longo do exercício e estudo e, sobretudo, num mundo em constantes mudanças é preciso sempre aprender. Assim, se quer então destacar a questão ética como um componente nesse processo da profissionalização, ou seja, da formação ética. Temos ciência de que se trata de um terreno que é bastante movediço, mas, não é por isso que não tenha importância e não possa ser discutido.

Nas palavras de Grinspun (2014, p.72) definimos que a educação “está comprometida com a formação do indivíduo em todos os sentidos e, portanto, faz parte de seu funcionamento a inter-relação com todos os segmentos da sociedade, inseridos em determinado momento histórico”.

Pensar na formação ética é considerar sua especificidade, seu conteúdo, a sua metodologia. Diante disso, se quer chamar a atenção dos profissionais da educação para:

[...] discutir um norteamento ético para a sua prática profissional – ou mesmo antes disso, a elucidar a dimensão ética inerente à docência – é intervir em uma dimensão importante de sua existência como profissionais. Pode-se caracterizar que é um convite a um enfrentamento de problemas que clamam por uma compreensão baseada no processo de trabalho (VEIGA, 2005, p. 22).

Na medida em que a formação docente desenvolve suas atividades voltadas para a formação do educando, ela está comprometida com o valor fonte da educação que é a pessoa humana, possibilitando a dimensão ética, enquanto ato educativo. Neste sentido, o ato de educar pressupõe um comportamento ético.

Vázquez (2013, p. 27)) diz que a moral é histórica, ela representa um conjunto de normas e regras destinadas a regular as relações dos indivíduos numa certa comunidade social. Assim, o autor nos mostra que não existe ética científica, “a ética científica é incompatível com qualquer cosmovisão universal e totalizadora que se pretenda colocar acima das ciências positivas ou em contradição com elas”.

Pensar a moral, ou pensá-la enquanto projeto social formador é um desafio que se coloca para os educadores. Para alcançar a realização do ser humano, então é preciso pensar, a formação de professores, no sentido de propiciar condições nas quais eles sejam capazes de conduzir a sua prática pedagógica, tanto em função da sua realização individual, quanto da necessidade do sistema social como um todo.

2.1 Moral e competência no contexto da formação docente

A necessidade de uma formação humanizada faz com que a tarefa do educador seja abrangente e complexa, pois exige desse profissional não apenas conhecimento técnico, mas, principalmente, a capacidade de sonhar, de ultrapassar os estreitos limites da razão e da emoção Bezerra (2003). Nas palavras da *Discente* I a moral está atrelada

[...] alguns assuntos polêmicos, a própria moral é polemica por ser fruto de tempos, assim, é que quando o tempo muda a moral muda, meus pais na época deles tinham uma moral que era o comportamento, mas hoje eles sempre estão me passando e repassando que na “na minha época era bem diferente as pessoas se respeitavam”, eu mesmo acho pelo dito deles que a moral é isso... é agir de cada época, assim amanhã a moral será outra.

Ao vivenciar durante a formação docente oportunidade de avaliar os princípios morais de sua prática pedagógica, bem como conhecer as concepções de homem e de mundo a eles inerentes, para então ser capaz de desenvolver uma “práxis” fiel a tais princípios, quaisquer que sejam os modelos que expressem concepções de formação do educador, há competências e saberes que são imprescindíveis e devem ser desenvolvidos na

[...] base de formação docente na universidade, por ser esta um espaço destinado a construir os fundamentos necessários para a atividade. É aqui que aprofundamos os conhecimentos teóricos e técnicos e que procuramos descobrir o papel desempenhado pelo professor na compreensão dos fenômenos sociais (SEVERINO, 2011, p. 48).

Precisamos entender inicialmente o que desde sempre somos, o que temos enquanto horizonte de possibilidades e o que podemos fazer com este horizonte, uma vez que possuímos também liberdade. O caminho pelo campo dos filósofos abre a dimensão deste repensar “Ser’ e ‘não-ser’, portanto, são tomados no significado integral e unívoco: o ser é o positivo puro e o não-ser é o negativo puro,

um é absoluto contraditório do outro” (GIOVANNI, 2003, p. 33). Neste contexto, o “ser e o não ser” passa a ser produto das concepções éticas.

Vale lembrar que aqueles que exercem a “ação educativa” são professores e alunos. Para que esta ação seja válida, é preciso que o professor seja apto para executar seu papel de “formador” e que o aluno esteja receptivo ao processo de “formação”. Também devemos levar em consideração o fato de que o professor, que é o responsável por tal tarefa, é também integrante desta sociedade que passa por transformações, na quais conceitua-se que

Como seres humanos, necessitamos de aprendizagens para compreender o mundo, ou seja, precisamos compreender a diversidade dos seres humanos, com quem nos relacionamos, e nos conduzir nessa relação de modo construtivo. Ressalta-se, então, a importância dos valores éticos e morais (NETO; ROSITO, 2009, p.14).

Em função destas reflexões, e com o auxílio do pensamento de Rios (2011), poderemos perceber a nocividade de uma educação moral que não contemple o homem no seu ser todo, ou no seu ser possível. Podemos então pensar como a formação de professores pode contribuir positivamente para revisão e até para a proposição de um projeto novo de homem e de mundo, partindo da “dimensão ética, que diz respeito da ação, fundada nos princípios do respeito, da solidariedade e da justiça, na direção da realização de um bem coletivo” (RIOS, 2011, p. 92).

No momento em que “a identidade permeia o modo de estar no mundo e no trabalho dos homens em geral, e, no nosso caso particular em exame, do professor, afetando suas perspectivas perante a sua formação e as suas formas de atuação profissional” (GATTI, 1997, p. 85).

Esse profissional, em nosso modo de interpretar, é um ser em movimento, construindo valores, estruturando crenças, tendo atitudes, agindo em razão de um tipo de eixo pessoal que o distingue de outros: sua identidade ética. Juntamente à identidade ética estão as motivações, os interesses, as expectativas, as atitudes, todos os elementos multideterminantes. Neste sentido:

A universidade é uma instituição educativa cuja finalidade é o permanente exercício da crítica, que se sustenta na pesquisa, no ensino e na extensão. Ou seja, na produção dos conhecimentos historicamente produzidos e de seus resultados na construção da sociedade e das novas demandas e desafios que esta coloca (PIMENTA; ALMEIDA, 2011, p. 21).

A partir dessa ideia de universidade, desenvolvida por Pimenta e Almeida (2011), levar em conta que no processo de formação docente, o aprofundamento

das discussões éticas e moral abrem portas para uma discussão mais ampla sobre a influência da ética e da moral e seu processo de transformação dentro da sociedade, “ao introduzir a ética no campo educativo, estamos procurando refletir sobre os problemas inerentes ao processo educativo e aos princípios que essa reflexão demanda” (SEVERINO, 2011, 51).

A partir das concepções expressas neste trabalho identifica-se que as normas da sociedade têm muito a ver com os valores morais. Elas são os meios pelos quais os valores morais de uma sociedade são expressos e adquirem um caráter normativo, isto é, obrigatório. *Normas, normativo, normal, moral e costumes* estão interligadas em torno das ações estabelecidas e desenvolvidas nas relações sociais.

Neste sentido, quando todos aceitam os costumes e os valores morais estabelecidos na sociedade a prática passa a ser normativa. Mas quando surgem questionamentos sobre a validade de determinados valores ou costumes, surge a necessidade de refletir sobre os valores e ações em sociedade. Então, de modo geral, é comum usar o conceito de ética e moral como sinônimos ou, quando muito a ética é definida como o conjunto das práticas morais de uma determinada sociedade, ou então os princípios que norteiam estas práticas.

Assim a formação docente de base na ética “aparece [...] como algo *construído* nos limites da existência social dos indivíduos” (PIMENTA; ALMEIDA, 2011, p. 231). Neste sentido, a “moral pode ser definida como a política em função de todos” (DISCENTE J), essa definição se apresenta como uma conduta democrática do bem para todos. Nessa perspectiva, segundo Paulo Freire (1996), uma proposta democrática, quando realmente presente, culmina em procedimentos específicos, onde a ética é antes de tudo uma postura coerente, honesta consigo mesma e com o outro, no sentido da libertação do homem, ressaltando que a libertação não é somente a libertação individual, mas coletiva e, inclusive, envolve a do opressor e do oprimido.

Desse modo, é imprescindível que na prática educativa, o professor assumira uma postura política, entendendo que o ser político não ser neutro, reconhecendo que a formação docente está ligada diretamente a outros fatores (família, sociedade, universidade) enfatiza-se que a moral está nas concepções desenvolvidas no

contexto vivenciado, no qual se compreende na fala da *Discente C* ao expressar que:

[...] eu vou começar pelo que considero moral, na verdade fiz algumas leituras na época do estágio sobre esse conteúdo da universidade, mas na verdade não sei dizer como é isso nos teóricos, entende? Mas vou te falar da minha vivencia se você considerar, claro, importante, pois bem, eu acredito que é a organização que vem de casa com a família e assim passa a diante, na escola, com os amigos e até o fim da vida.

A *Discente C* apresenta um conceito coerente da moral ao retratar que é uma conduta que se desenvolve através de relações estabelecidas entre os seres humanos, exercendo o controle das interações dos membros entre si. Agir em conformidade e conscienciosamente com esses valores e normas da cultura da organização, revela as virtudes de seus membros, assim a

[...] virtude moral diz respeito a problemas centrais na ética que giram em torno arcabouço conceitual mediante o qual estas questões serão equacionadas; dele fazem parte noções como mediedade, disposição, voluntária, escolha, deliberação (ZINGANO, 2008, p.22).

Quando se diferencia a ética da moral, geralmente visa-se distinguir o conjunto das práticas morais cristalizadas pelo costume e convenção social dos princípios teóricos que as fundamentam ou criticam. O conceito de ética é usado aqui para se referir à teoria sobre a prática moral. Ética seria, então, uma reflexão teórica que analisa e critica ou legitima os fundamentos e princípios que regem um determinado sistema moral (dimensão prática).

No entanto, a ética e moral no campo educacional se apresenta como processo de reflexão e ação no que diz respeito à identidade do educador, bem como suas origens e o papel que vem atuando na educação e dentro das relações sociais ao longo do tempo, assim “Aristóteles valoriza, então, [...] a deliberação e o esforço em busca de bons hábitos” (VALLS, 2008, p.33), no campo da ética não se resume apenas na reflexão da virtude do bem e da obrigação, mas na discussão e na escolha.

Entendido as concepções éticas como necessário ao convívio em sociedade que possibilite a liberdade humana e a democracia. Espera-se, pois, que na formação docente os discentes tenham a oportunidade de vivenciar teorias para o tratamento de temas éticos e morais presentes em um espaço que deva ser pautado por valores tais como: respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade.

Assumindo relevância, com isto, a extensão das questões de ordem ética e moral que a formação docente que vem proporcionando aos discentes durante a graduação, materializando-se na prática educativa. Neste sentido, considerar o ensino, ressaltando sua dimensão ética, sugere o emprego da expressão *ofício docente*⁴ para designar a atividade do professor, uma vez que a mesma traz consigo ideias relacionadas à ordem de ontológica da docência e sublinha sua vinculação a deveres e obrigações profissionais.

Nesta perspectiva, a ética está presente no fazer do professor no que se refere à escolha dos conteúdos, dos métodos de ensino, dos sistemas de avaliação, entre outros itens. Rios (2011) ressalta ainda que os valores que subjazem à prática docente devem ser vistos pelo professor a partir de sua implicação política e não como uma essência natural e espontânea, o que enfatizaria demasiadamente a dimensão afetiva do trabalho educativo. Faz-se necessário, portanto, resgatar o que a autora denomina como o “sentido autêntico da ética” (p.53), como um meio de se evitar o enfoque moralista que ela considera característico a algumas ideologias que permeiam a educação.

Pensar na formação ética é considerar sua especificidade, seu conteúdo, a sua metodologia. Diante disso, chamar a atenção para a base de desenvolvimento educacional que se encontra na formação docente. É de fato durante a docência que os discentes desenvolvem suas concepções éticas e morais, despertando no mesmo senso crítico da realidade contemporânea embasado nas teorias. A dimensão ética, para atribui a regulação das práticas institucionais, entre elas a formação docente desenvolve

[...] a relação que os professores estabelecem com os saberes da formação profissional se manifesta como uma relação de exterioridade: as universidades e os formadores universitários assumem as tarefas de produção e de legitimação dos saberes científicos e pedagógicos, ao passo que os professores compete apropriar-se desses saberes, no decorrer de sua formação, como normas e elementos de sua competência profissional, competência essa sancionada pela universidade (TARDIF, 2012, p.41).

⁴ Em estudos realizados encontramos o termo *ofício* para designar o trabalho docente, porém não exatamente com o mesmo sentido. Terezinha Rios (1993), por exemplo, o utiliza para caracterizar o professor como um profissional para o qual corresponde um *dever* a ser realizado de uma maneira específica, por meio da articulação das dimensões política, técnica e ética de seu trabalho. Para ela, a partir do entrecruzamento dessas três dimensões é que a atividade docente competente se configura, por meio do exercício da responsabilidade do professor, em uma ação consciente, intencional, comprometida, livre e, portanto, ética de sua parte. A docência é considerada, então, como uma atividade para a qual subjazem valores, tais como o senso de dever, o compromisso, a responsabilidade, a liberdade, a vontade e o consenso.

As análises aqui expressam que a ética e moral são conceituadas de forma distinta, no entanto, durante a formação docente os conceitos de ética e moral são apresentados apenas em disciplina definida, não estabelecendo qualquer relação com as demais de forma direta, o que poderia proporcionar aos discentes do CFP Pedagogia não apenas conceitos normativos, mas uma dimensão reflexiva das ações docente para a transformação educacional e desenvolvimento profissional. Portanto, conhecer alguns pontos fundamentais sobre a ética não é apenas uma questão acadêmica, antes, é também uma necessidade para a convivência humana.

Apreciando esta relação, instiga-se a reflexão acerca da formação de professores para o entendimento do modo como vem sendo construído a compreensão da responsabilidade ética que a profissão exige. Nesta perspectiva, esta é uma preocupação atribuída à docência uma dimensão socializadora.

Na formação acadêmica, a ética aparece em diversos momentos: no tratamento entre alunos e professores, no comportamento geral, na limpeza e cuidado do aspecto físico, na construção do currículo e dos conteúdos. Freire (1996, p. 32) aborda que “ensinar exige ética e estética⁵”. De modo que, esses dois elementos estão presentes no cotidiano da formação dos profissionais de educação, ainda que os mesmos não se dêem conta disso.

Sendo importante ressaltar que, a sociedade atua vivencia uma crise quanto a inversão de valores. Em qualquer tipo de relação, os valores e os princípios que norteiam a vida social e pessoal, tais como o bom senso, a honestidade e o respeito estão superados por interesses que contradizem o bem comum. Tal mentalidade tem afetado a cultura educacional, que por sua vez, tem reproduzido comportamentos que maculam a ética.

Nas palavras de Freire (1993, p. 61) “se o que faço fere a dignidade das pessoas [...] se as exponho a situações vexatórias que posso e devo evitar minha insensibilidade ética, meu cinismo me contra-indicam a encarnar a tarefa do educador”.

A partir do exposto, torna-se importante ressaltar que em qualquer tipo de relação interpessoal estabelecida com outros, a ética é uma questão de vital importância, isto é, a postura, o respeito, os valores, fazem-se necessários para que

⁵Significa que o professor ou a professora deve estar comprometido com os resultados de sua ação pedagógica, visando a melhoria da qualidade de vida do aluno.

nossas relações sejam consolidadas e fortalecidas. Torna-se assim, a formação em espaço não mais de constrangimentos e embaraços, mas sim de vivência ético, onde os educandos possam estabelecer laços de afetividade, respeito mútuo, fraternidade e principalmente onde esses comportamentos sejam uma constante.

Passos (2005), afirma que:

[...] a ética profissional antes de se tornar um embaraço ou um estorvo, pode ser compreendida como emergência de uma consciência social que se embrenha pelas diferentes profissões. Certamente, a reflexão sobre ética profissional pode trazer, ao profissional, contribuições á construção de sua identidade [...] (PASSOS, 2005, p. 80).

Por conseguinte, muitos possuem a visão de que a ética está relacionada somente com o certo ou o errado, aquilo que é bom ou ruim. Contudo, a ética é muito mais abrangente. Algumas atitudes corriqueiras em sala de aula podem ser consideradas como ausência de ética que envolve desde gestos, postura, entonação de voz, o caminhar na sala de aula, até mesmo o compromisso (ou a falta de) com a construção do conhecimento, bem como, as relações interpessoais que se estabelecem entre os professores e alunos, que nos instiga a repensar sobre os valores que devem ser a base para a formação docente haja vista que

A prática educativa é [...] algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamos ou prejudicamos nesta busca [...]. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas, podemos com nossa responsabilidade, [...] com nossa seriedade e testemunho, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo (FREIRE, 1993, p. 47).

A relevância no modo como a ética deveria ser pensada busca ancorar os sistemas educacionais de modo que se perceba que este processo caminha a larga de conceitos reducionistas.

Entender que a ética é inerente á vida humana. Sua importância na formação profissional docente é bastante evidenciada, pois não se pode perder de vista que cada profissional tem responsabilidades individuais e sociais, que envolvem pessoas que dela se beneficiam.

O conhecimento técnico é fundamentalmente importante que aqueles que aspiram ingressar no âmbito da educação, agreguem ao seu saber pedagógico atitudes que privilegiem qualidades. A excelência que sugere a prática educativa leva á possibilidade e a necessidade de desenvolver atitudes como o bom senso, a

postura, o respeito e a prudência, bem como a contínua revisão das ações a fim de que as mesmas denotem preceitos éticos.

Conforme Freire (1996, p. 16 e 17) sublinha que “nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente [...] educadores e educandos não podemos na verdade, escapar a rigorosidade ética. Mas, é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita [...] falo da ética universal dos seres humanos [...]”.

A partir dessas considerações, são atribuídas aos professores, em sua prática profissional, uma tarefa delicada, cujo entendimento solicita que se promova uma interface com a ética.

Todavia, estas colocações não esgotam a relevância do comportamento ético para os profissionais de educação. Estes aspectos e outros não mencionados podem e devem ser examinados com maior profundidade. O que foi dito até agora, sem perder o seu valor, é apenas o início, daquilo que, positivamente está por vir.

A partir da consideração da transversalidade e da intangibilidade do tratamento de questões de ordem ética e moral na formação docente, pressupõe-se que, também para a formação de novos professores, os valores, as normas, as regras de conduta, bem como formas específicas de refletir sobre tais questões estejam presentes no convívio entre os sujeitos envolvidos no processo acadêmico.

Esse modo de entender a formação docente vai ao encontro de considerações tecidas por alguns autores, atuais Freire(1996), Vaz(2004) Rios(2011) entre outros autores que caracterizam o ensino como uma atividade para a qual não existe um corpo de regras estipuladas *a priori* e que possam ser ensinadas sistematicamente em um curso de formação profissional. Anne-Marie Chartier (1990) tece considerações a propósito do *ofício de instruir*: uma atividade prática, no âmbito da qual as dimensões pessoais do professor figuram como elementos nucleares para a solução das dificuldades que se apresentam ao longo de seu exercício. Conforme a autora argumenta, a docência requer o exercício prático do julgamento e da justa medida para a gestão permanente de grupos heterogêneos de alunos, no sentido de discernir o que é presentemente exigível de cada um deles.

Semelhante ponto de vista pode ser encontrado no pensamento de Israel Scheffler (1974), para quem o aprendizado da atividade de ensinar não compreende simplesmente o domínio de algumas estruturas de movimentos. Para ele, o ensino

corresponde a uma *arte prática*, para a qual não existem regras exaustivas que se mostrem eficazes na garantia de êxito.

Catani (1994) sugere a utilização da expressão *saberes pedagógicos* para designar a parte da *cultura escolar* específica da situação de formar professores, segundo a autora esclarece ao longo de sua obra em questão tais saberes correspondem ao conjunto de conhecimentos científicos e modos específicos de produção de um *habitus*⁶ *professoral*, que são transmitidos, entre outras instâncias e relações, de uma geração de profissionais a outra, por meio dos vários processos que constituem essa cultura escolar.

Nas pesquisas que realizaram sobre formação de novos professores, Belmira Bueno (1996) e Marilda da Silva (1999) também se referem ao trabalho docente como sendo efetivado por meio de um *habitus* propriamente profissional. O *habitus* do professor é considerado, na perspectiva tomada pelas autoras, como um conjunto de maneiras de atuar e de compreender a realidade na situação de ensino escolar, constituindo-se em conhecimentos e reflexões que guiam as práticas dos professores.

Nesta direção, entende-se que o trabalho dos professores de professores esteja relacionado a uma *iniciação* que segundo Catani (1994) dos futuros docentes aos saberes pedagógicos relativos a uma determinada cultura escolar, tendo em vista a estruturação de um *habitus professoral*. Tal formação é entendida como sendo resultado tanto das aprendizagens referentes às disciplinas específicas do currículo, como também de práticas de socialização que, de modo subliminar, se efetivam, entre outras instâncias, no interior desses cursos. O processo de constituição da *cultura escolar* bem como do *habitus professoral* vê-se, neste sentido, marcado por aspectos múltiplos e complexos que incluem, por exemplo, representações formuladas pelos sujeitos ao longo de suas experiências de vida particulares.

⁶ Sugerir que o trabalho do professor corresponde à expressão de um *habitus* específico, Catani refere-se ao conceito proposto por Pierre Bourdieu (1994): “um conjunto de esquemas que permite engendrar uma infinidade de práticas adaptadas a situações sempre renovadas sem nunca se constituir em princípios explícitos” (p.61).

CAPITULO III - FORMAÇÃO DOCENTE: DIMENSÕES E COMPETÊNCIAS

Ao pretender desenvolver reflexões claras levando em consideração os aspectos da formação docente, partir da dimensão ética e moral, o presente Capítulo fornece uma análise da educação enquanto uma prática social incorpora aspectos da Ética, da moral e dos valores, tanto na formação de conceitos como nos próprios embasamentos teóricos necessários.

O debate sobre a educação requer ampla discussão e mediação dos conceitos éticos e morais uma vez que a formação não se limita à aquisição unilateral do domínio dos conteúdos, mas também às dimensões que exigem a dinamização reflexiva numa perspectiva histórica e social na qual:

A Universidade é um espaço institucional de educação, em que se articulam - ou deveriam se articular - o ensino, a pesquisa, a extensão, com a finalidade de formar profissionais críticos e criativos, capazes de construir, com seu trabalho, uma sociedade democrática e solidária (PIMENTA; ALMEIDA, 2011, p. 232).

Há, portanto, uma necessidade de refletir sobre o papel dos fundamentos éticos e morais na formação docente, voltadas para uma nova concepção de vida em sociedade, onde se requer responsabilidade e autonomia por parte daqueles que mediatizam os saberes que buscam superar as interfaces do processo educacional, que não são poucos. Mas que precisam ser analisados e postos, talvez como referências para a produção de atitudes criadoras. Para contemplar essa fala, convém valer-se de Paulo Freire (1996) na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente.

Sem dúvida que a participação do professor, na construção de uma educação crítica revela mais do que uma necessidade teórica, mas também uma necessidade prática. Paulo Freire (1996, p. 22) é enfático quando afirma “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo”.

O processo educativo ocorre paralelamente ao desenvolvimento contínuo de um sujeito por um lado conectado a comportamentos e atitudes cristalizados na cultura e, por outro, relacionado pela consciência crítica a ideais de liberdade e cidadania, cada educador em formação, mergulhado em incertezas, necessita construir instrumentos próprios que lhe possibilitem subsídios para lidar com o seu universo educacional de maneira verídica e produtora, dialogando com as

interrogações que se impõem a cada dia, e, ao mesmo tempo, desenvolver uma nova consciência de pertença a um todo integrador das várias nuances que compõem o tecido social, onde se inclui a educação.

Perante as incertezas históricas de um mundo singularmente novo, o aspecto ético necessita pautar os fazeres de todos os professores, visando uma tentativa constante de centrar suas análises e interpretações nos dados realmente atuantes encontrados durante a realização de seu trabalho, buscando escapar de uma imagem um tanto fantasiosa que se faz de um universo encantado e perfeito onde deveria ocorrer o processo educativo (por vezes construído intimamente dentro de cada um, talvez na esperança de que se possa efetivamente realizar a fusão entre a realidade e o ideal) e com o qual todos nos defrontamos, algumas vezes permeando a literatura na área da educação.

Assim, pois, cada indivíduo enfrenta os desafios da própria sobrevivência, mas também a busca para o alcance da sua aprendizagem. Ao pensar dessa maneira, há de se refletir sobre a prática do profissional que mediatiza este processo acontecer. Diante disso, o ensino passa a ser concebido como atividade comunicativa.

[...] pensar em educação é pensar em vida construída em tensões e contradições, em relações indissociáveis em uma implicação permanente como ato político, social-histórico e cultural. A educação está em todos os lugares por onde andamos, aprendemos a *com-viver* e a viver com ela (SEVERINO, 2011, p. 60).

De acordo com Severino (2011) reafirmamos que a aprendizagem se concretiza nas relações estabelecidas, reconhecendo o contexto no qual esteja inserido, exigindo amplo olhar nas ações que o fundamentam, pois subjaz à formação docente concepções que demonstram a subjetividade no processo de ensino. Ora numa perspectiva denominada cognitivista e psicologizante, ressaltando as características cognitivistas do professor como eficiente, ora numa visão fenomenológica existencial: nesta óptica, o professor é o sujeito ativo de sua própria prática.

A temática da ética e da moralidade humana e da construção de valores pessoais e profissionais socialmente justificados parece adquirir mais força na sociedade moderna e até mesmo na estrutura das instituições de ensino. Mesmo que de uma forma indireta ou inconsciente, as escolas trabalham valores com seus alunos, mas isso precisa ser de uma forma mais articulada, buscando observar os

interesses gerais da sociedade, na qual “a ética contemporânea aprendeu a preocupar-se, ao contrário das tendências *privatistas* da moral, com o julgamento do sistema econômico” (VALLS, 2008, p. 73).

O ser humano vive em sociedade, convive com outros seres humanos e deve estar sempre atento à forma de como deve agir diante dos outros. Talvez essa proposta seja fácil de ser formulada, mas completamente difícil de ser “ensinada” e, principalmente vivenciada.

A responsabilidade de formar pessoas é complexa, uma vez que as pessoas se formam mutuamente, na convivência, na troca de experiências. Sendo considerada uma tarefa difícil, o professor deve ser preparado para lidar com as mais variadas personalidades dos alunos. Entende-se que a valorização do professor seja um fator preponderante na construção de uma sociedade mais humana.

Formar mais e com uma qualidade superior é apenas uma parte da tarefa das universidades. É preciso criar condições que mantenham o entusiasmo inicial, a dedicação, a ética e a confiança nos resultados do trabalho pedagógico, ou seja, é ver seu aluno crescendo e se fazendo um cidadão ativo e participativo na sociedade na qual atua.

Para Rios (2011), na reflexão sobre a formação e o desempenho do professor há de se reportar à questão da competência, mais especificamente da presença de uma dimensão ética nesta competência. Ela analisa o caráter duplo dessa competência: sua dimensão *técnica* e sua dimensão *política*. Dimensões distintas, mas profundamente articuladas. É preciso saber *bem*, saber fazer *bem*. O termo “bem” reporta-se tanto à dimensão técnica – saber bem – quanto à dimensão política – fazer bem.

A competência, nesta perspectiva, significa *saber fazer bem*, nas dimensões: *técnica e política*, Rios (2011, p. 46), afirma que

Por competência profissional estou entendendo várias características que é importante indicar. Em primeiro lugar, o domínio adequado do saber escolar a ser transmitido juntamente com a habilidade de organizar e transmitir esse saber, de modo a garantir que ele seja apropriado pelo aluno. Em segundo lugar, uma visão relativamente integrada e articulada dos aspectos relevantes mais imediatos de sua própria prática, ou seja, um entendimento das múltiplas relações entre os vários aspectos da escola. Em terceiro lugar, uma compreensão das relações entre o preparo técnico que, a organização da escola e os resultados de sua ação.

A competência do professor configura-se como exercício inerente de sua formação materializado em suas ações no exercício da profissão. É importante, pois, que o professor saiba sobre sua missão, mas também saiba fazer bem seu trabalho, a fim de que cumpra com o seu papel de agente que contribui para a formação cidadã e ética dos alunos

A Ética como nuclearização de toda a gama da sociedade, da educação e da própria ciência servirá para propiciar ao aluno as posições a serem tomadas na sua conduta, no seu processo de escolha, na sua postura social. Com a clarificação dos valores emergentes de uma sociedade, com a reflexão dos princípios éticos que dimensionam e a estruturam, o aluno poderá ter melhores condições para refletir e discutir os valores da verdade, da liberdade e da responsabilidade (GRINSPUN, 2014, p. 94).

É nesse contexto de contemporaneidade que o docente se conscientiza do seu ser em constante construção, permitindo uma adequação entre os saberes construídos na formação inicial e em construção permanente na formação continuada, superando dessa forma a fragmentação entre a prática e a teoria.

Percebendo que a práxis é a atividade concreta pelo quais os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterar-lhe transformando-se a si mesmo.

Na tentativa de justificar a importância da formação ética dos docentes, a fim de que estes percebam no educando a influência do meio sócio-cultural e sua relação com a sociedade que o integra, é de responsabilidade da educação conhecer e inserir a discussão sobre a postura ética no currículo de formação de professores, para trabalhar o lado humanístico em que deve focar e atuar a construção de conhecimentos.

Grinspun (2014) afirma que a educação “comprometida com os atos humanos, levará ao aluno-objeto e objetivos dessas ações- o entendimento do que sejam os conhecimentos, os valores, as crenças” (p. 95).

A sociedade atual, eivada de valores de todo tipo, espirituais e materiais, tanto no plano nacional ou mundial, não conseguirá sobreviver sem uma ética de responsabilidade e de compromisso que dê conta de relacioná-los para adoção prática segundo uma ordem de relevância humanitária.

Para tanto, a formação do professor, em especial é um dos pontos mais críticos conforme Rios (2011) considera que a construção de uma identidade profissional abarca inúmeros fatores que participam dessa identidade, entendemos

que o sistema educacional contribui para essa identidade através da formação de valores.

A sociedade sofre mutações rápidas, podemos detectar, na construção e na forma que toma o papel social dos professores e também nas propostas para sua formação. Qual identidade o educador deve construir na sua formação que dê conta dos novos valores que essa sociedade cultural, em constante mudança, aponta?

No momento em que:

A educação envolve os valores que emergem da sociedade e os que decorrem da proposta do educador; esses valores não são vistos como alguma coisa que se quer ou não, mas como um dever ser, no sentido de uma dimensão maior que se caracterize como legítima e pertinente (GRINSPUN, 2014, p. 90).

Esse profissional, em nosso modo de interpretar, é um ser em movimento, construindo valores, estruturando crenças, tendo atitudes, agindo em razão de um tipo de eixo pessoal que o distingue de outros: sua identidade ética. Juntamente à identidade ética estão as motivações, os interesses, as expectativas, as atitudes, todos os elementos multideterminantes dos seus modos de ser um profissional.

A existência nos educadores de uma inquietude teórica e prática sobre a formação humana do educando, ou seja, a preocupação quanto ao lado humano do sujeito que tem conhecimento e reflexão sobre a postura humana: seus desejos, suas ambições, seus limites, para com o objeto cognoscível.

Para promover uma educação de qualidade para nossa sociedade têm-se como expectativas de mudanças a formação docente em que o profissional tenha internalizado em si a responsabilidade que carrega enquanto profissional da educação, à preocupação, que para o sujeito conceber conhecimento sobre o mundo, ele precisaria ter uma postura ética frente a este processo de concepção, visto que o sujeito está inserido em um meio social e que entre ele e o objeto cognoscível poderia haver alguém, no caso o mediador ou facilitador - o educador.

Segundo Pimenta e Ghedin (2008), Schön considera como necessária para a formação profissional baseada numa epistemologia da prática, o abandono dos moldes de currículo normativo no qual se apresenta primeiramente a ciência, depois sua aplicação e por último um estágio de aplicação dos conhecimentos. Baseando-se nessa epistemologia, se tem a valorização da prática profissional, admitindo-a como momento de construção de conhecimento através da reflexão, análise e problematização. Reconhecendo o conhecimento como tácito, presente nas

soluções encontradas pelos profissionais. Mas esse conhecimento adquirido é insuficiente, sendo preciso ser sempre renovado ou remodelado, pois novas experiências e situações que surgem exigem novas soluções, exigindo reflexão sobre o ocorrido.

Portanto, os currículos de formação de profissionais deveriam propiciar o desenvolvimento da capacidade de refletir. Para isso, tomar a prática existente (de outros profissionais e dos próprios professores) é um bom caminho a ser percorrido desde o início da formação, e não apenas ao final, como tem ocorrido com o estágio (PIMENTA, GHEDIN 2008, p.20).

Mas, apesar da consistência que se deve dar à prática na formação docente, tanto na inicial quanto na continuada, deve-se ter o cuidado para que faça parte constitutiva como embasamento teórico, de sua formação as teorias da educação. O embasamento teórico na formação de professor deve servir como ferramenta que o auxilie na sua tomada de decisão. Vê-se nesse momento, um ponto de encontro, necessário, e que deve ocorrer com equilíbrio, de dois momentos que devem fazer parte da formação e atuação profissional, no qual teoria e prática manifestam sua importância.

A partir dessas considerações, reforça-se a importância do equilíbrio nas ações do docente, que deve ter tanto a base prática quanto o embasamento teórico que, segundo Tardif (2012, p.150) entende como modelos de ação presentes na prática educativa “[...] as representações elaboradas e veiculadas pelos professores a respeito da natureza de sua prática, representações essas que servem para defini-la, estruturá-la e orientá-la em situações de ação”.

Atualmente vivemos em uma sociedade modernizante que vem ao longo de um processo histórico e cultural passando por transformações que acarretam mudanças na vida dos seres humanos, na qual “o mundo econômico exige competências, competitividade, a busca de vantagens; a cidadania requer conhecimento e reconhecimento da diferença, solidariedade e busca de bem-estar social” (GOERGEN, 2005, p.65).

Neste contexto, os valores humanos vão se perdendo ao longo de um processo econômico por se estar buscando bem-estar individual, na qual o ser humano age como se suas ações não fossem comprometer nem envolver as demais pessoas que o cercam. Cada vez mais nossa sociedade vem contribuindo para que esse cenário seja crescente salientando que:

O homem de hoje, jogado em meio ao turbilhão de mudanças e transformações, ao eliminar seus vínculos com a tradição, com a história, lança-se em busca do que virá como quem deseja chegar ao topo da escada sem pisar nos degraus inferiores. A natureza, o entanto, ensina-nos que quanto mais altos os galhos da árvore, quanto mais luz ela busca, mais profundas devem ser suas raízes. (GOERGEN, 2005, p.72)

Sendo assim, o ser humano passa a incorporar os elementos que regem nosso contexto social, já que o ser humano incorpora todos os elementos que regem a vida em sociedade.

No entanto, as ações humanas são elaboradas de acordo com o meio em que o indivíduo esteja inserido. Através do convívio no meio social o homem passa a viver em constante luta para sobreviver com bem-estar individualizando-se por buscar qualidade de vida pessoal em todas as oportunidades que a vida em sociedade possa lhe possibilitar. Neste contexto: “vivemos para nós próprios, sem nos preocuparmos com as nossas tradições nem com a nossa posteridade: o sentido histórico sofre a mesma deserção que os valores e as deserções sociais” (LIPOVETSKY, 1989, p.49).

É comum encontramos ou mesmo praticarmos ações individualistas, pois o meio nos norteia essas ações como se fossem para o nosso crescimento pessoal e profissional. As exigências para ocupar um patamar social é a prova concreta de que nossa sociedade implanta padrões excludentes para justificar a falta de ética e de moral no convívio social ou até mesmo pautar a naturalização da ética meritocrática.

Em uma visão geral podemos afirmar que:

O pós- modernismo decreta o passado como morto e extinto e anuncia a chegada do reino da autonomia e liberdade como se esse pudesse ser alcançado pela simples superação dos enquadramentos religiosos, sociais, políticos e ideológicos tradicionais. Além desse exagero, que se torna cada vez mais notório, os pós-modernistas não se deram conta de que a fuga para diante trouxe consigo novos enquadramentos, tão fortes ou mesmo (GEORGEM, 2005, p. 32).

Nesta definição podemos perceber que as mudanças não promoveram o desenvolvimento do bem-estar em comum para a vida em sociedade, na qual “o homem moderno é um homem aberto que dispensa, sem remorsos, as tradições e os costumes”. Sob essa linha de raciocínio, Georgen (2005) afirma que os valores humanos vão se perdendo ao longo do processo de globalização, no qual os costumes que vinham passando de geração para geração, foram se perdendo, para acompanhar o processo de modernização no qual o ser humano deve se enquadrar

nos padrões, satisfazendo-se mediante o capital em todos os campos das relações sociais de produção. O que compromete, endogenamente, as relações de (re)produção culturais das dinâmicas de vida!

Diante deste cenário social, a educação vem se promovendo como um respaldo de nossa sociedade, onde cada indivíduo busca seu desenvolvimento individual, satisfazendo suas próprias necessidades em que:

[...] a educação torna-se a busca de instrumentalização pessoal para competir no interior de um sistema que permanece intocado. Os objetivos da escola, o currículo, o discurso dos gestores e dos próprios professores estruturam-se em função do individualismo, da satisfação de suas necessidades profissionais e ganhos futuros e neutralizam-se os conflitos de classe, dissipa-se o imaginário revolucionário (GOERGEN, 2005, p.79-80).

Sendo importante salientar que a educação tem como objetivo formar o cidadão para o exercício da cidadania no meio social. Sendo assim, há uma dicotomia existente entre a proposta educacional e prática educativa. Neste sentido, as contradições vêm a promover uma educação precária no que diz respeito a valores éticos e morais na sala de aula.

Sabe-se que a prática educativa é um caminho que conduz os seres humanos a desenvolver seus aspectos físicos, morais, afetivos e cognitivos através da mediação do docente.

A vida em sociedade requer que o indivíduo esteja sempre modificando suas ações através de reflexões constantemente no meio em que o mesmo esteja inserido. Através do contexto social o indivíduo passa a adquirir hábitos que são incorporados e demonstrados em suas ações.

Dessa forma, a relação cotidiana defronta-se com ações que precisam ser pautadas por normas para que a vida em sociedade possa ser norteadora de respeito entre cidadãos que almejam viver nela de forma harmoniosa.

Essa realidade nos conduz a afirma que:

A ética é a ciência da moral, isto é, de uma esfera do comportamento humano. Não se deve confundir aqui a teoria com o seu objeto: o mundo moral. As proporções da ética devem ter o mesmo rigor, a mesma coerência e fundamentação das científicas. (VÁZQUEZ, 2013, p.13)

Assim, a ética perpassa as relações sociais, apresentando estreitas relações com todas as ciências, objetivando compreender a vida em sociedade, na qual se inclui os valores adquiridos no contexto social e cultural do ser humano “sob ângulos

diversos, estudam as relações e o comportamento dos homens em sociedade e proporcionam dados e conclusões que contribuem para esclarecer o tipo peculiar de comportamento humano que é o moral.” (VÁZQUEZ, 2013, p.18.)

Considerando que os valores humanos são construídos através das relações que o ser humano estabelece com o outro, neste contexto, a postura do ser humano ético é formulada através de conceitos internalizados em contato direto com um grupo social em que o mesmo está inserido.

Nesta perspectiva, a ética passa a ser uma concepção que tende a acompanhar o desenvolvimento e a formação da sociedade num processo contínuo, implicando em estabelecer a postura certa e errada dependendo do contexto social em que o ser humano esteja inserido.

A dimensão ética do ato educativo decorre de sua própria essência. Por ser uma *práxis* humana, a educação se inclui na esfera de competência da normatividade ética. Para Sucupira (1980), toda educação envolve múltiplas atividades, que envolvem aprendizagem de comportamentos, de saberes de técnicos, a organização de hábitos, a formação intelectual, a internalização de normas e os valores sociais.

Na medida em que a formação docente desenvolve suas atividades voltadas para a formação do educando, ela está comprometida com o valor fonte da educação que é a pessoa humana. Assim, a dimensão ética na formação docente, decorre de sua própria essência, com base numa responsabilidade de moral precisa.

Em síntese, ao refletirmos sobre a formação docente no campo das dimensões e competências, buscamos compreender melhor a fundamentação da conduta do indivíduo, procurando os subsídios necessários à formação docente. No momento em que há uma amplitude do espaço desse indivíduo em termos de ação e decisão, discutir sobre as dimensões e competências torna-se tarefa indispensável no processo de formação docente.

Como diz Arendt (1991) “os homens vivem agora num mundo todo global e contínuo e que cada homem é tanto habitante da Terra como habitante do país” (p.262). esta nova dimensão de perceber este mundo, de nele pertencer, vai exigir dos educadores uma nova “leitura” de suas ações e competências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aprofundamento nos estudos sobre ética e moral como fundamentos de construção da formação docente, indica que o campo de estudo desta temática se trata de algo muito mais complexo do que o imaginado, inicialmente pela maioria dos sujeitos de pesquisa desta investigação. Por se tratar de uma responsabilidade de ampla grandeza, haja a vista a lida com a formação humana, também complexa, com seus sentimentos e responsabilidades na matriz de formação humana pautada na individualidade de cada um dos sujeitos dos processos de escolarização que se estará transmitindo o conhecimento em prol de devidas inserções no mundo do trabalho e, em especial, em seus processos de constituição de suas subjetividades frente ao mundo. Esses, que necessitam estar conscientes dessa responsabilidade, por ter sobre sua responsabilidade personalidades com vida própria, e com formação individual que se caracterizar em formas peculiares de agir e pensar frente a suas inquietudes e propósitos no mundo.

Observa-se que na formação dos graduandos estão tão-somente detentores da conceituação inicial de ética e moral. Sem salto qualitativo de empoderamento e postura especulativa-reflexiva frente a sociedade contemporânea.

Ao analisamos a questão da pesquisa: em que medida ou de que modo a compreensão de ética e moral interferem para a base de formação profissional do acadêmico de pedagogia do CFP/UFCG? Constatamos que existe o propósito de uma formação crítica, com perspectivas de transformação das concepções dos formandos do Curso de Pedagogia CFP/UFCG. Procurando capacitá-los para a identificação e reflexão sobre as decisões a serem tomadas diante de conflitos estabelecidos pela sociedade.

Reconhecendo que a formação ética se dá no processo da ação docente (o que envidará práxis), mesclando-se entre conhecimento/sabedoria, pela prática das virtudes, num intercâmbio do desenvolvimento cognitivo e emocional/moral.

Há a necessidade de uma formação da competência ético/moral do docente, até porque, além dos novos desafios, se vê, muitas vezes, solitário em sala de aula para tomar decisões, mesmo que o resultado do seu trabalho não é um objeto, mas um sujeito que é partícipe responsável pelas possíveis conseqüências de suas ações no meio e sobre o meio.

A preocupação com a influência da compreensão de ética e moral na base de formação docente do acadêmico de pedagogia evidenciou as análises das concepções sobre ética e moral apresentadas neste trabalho. Nas discussões apresentadas e análises identifica-se que a dimensão ética e moral estão sendo proporcionada apenas em uma disciplina que contempla o currículo de formação do docente de Pedagogia CFP/UFMG.

Dessa forma, as concepções éticas e morais são apresentadas na formação docente como cumprimento curricular sendo eficiente e não eficaz no desenvolvimento acadêmico. Embora que, os conceitos apresentados nas análises expressem embasamentos, identificamos apenas como práticas normativas. Sendo o currículo das Instituições de Ensino Superior de autonomia das mesmas, ficando ao seu critério sua estruturação, para proporcionar uma formação docente, os mesmos devem considerar as influências éticas e morais na formação dos discentes.

Uma vez que, os discentes em fase de formação compreendem a ética e a moral como princípios das relações e ações que se estabelecem no meio, o mesmo poderá desenvolver uma identidade docente com base histórica, social e cultural que empreenderá práticas docentes voltadas a cada contexto vivenciado, reconhecendo-se como sujeito a revisões e reavaliações.

Assim, concluí-se após este estudo, que as concepções ética e moral são inerente a formação docente por proporcionar uma formação crítica, além de buscar estimular o desenvolvimento do senso crítico do futuro professor, as disciplinas do curso favorecem o desenvolvimento da docência com qualidade por meio de estudos, análises, discussões, pesquisas, questionamentos, entre outras estratégias buscando construir uma existência autônoma de seus futuros profissionais, para que os mesmos possam interferir na realidade social existente, e assim, poder haver a transformação.

Pudemos assim, confirmar positivamente os objetivos iniciais dessa pesquisa, acreditamos que este estudo pode contribuir para divulgação da proposta de melhora na qualidade da formação docente. Ficando em aberto a possibilidade de novas pesquisas para verificação e aplicação da temática aqui apresentada.

Estamos dessa forma, fazendo parte desse contexto, e esperamos ter contribuído com os estudos, atuais e futuros, daqueles que se preocupam com o desenvolvimento educacional, e de nossa sociedade, na busca pela igualdade na diversidade-entre todos os que fazem parte dessa existência assumindo o seu papel

de agente educacional, reconhecendo que a universidade tem a função de formar o sujeito ético, inspirando-se no respeito pelo outro, na responsabilidade de desenvolver um trabalho pedagógico digno e na construção do senso de justiça e de relações democráticas em prol da qualidade de vida em sociedade.

É no senso de justiça e de responsabilidade da universidade e, por conseguinte, no chão da escola pública, mobilizada e construída por profissionais de nível superior, engajados que objetivará e se possibilitará o exercício da autonomia, tendo a liberdade como possibilidade de escolha, para tentar tomar a melhor decisão. A responsabilidade pela formação profissional está em conceber a realização de um trabalho pautado no zelo e na competência, na teoria e na prática da ação educativa na escola pública.

Nos achados deste estudo são destacadas as contribuições das dimensões éticas e moral na base da formação docente permeada de valores éticos, que torna-se um grande desafio, pela complexidade que é o ser humano e pelas heterogeneidades entre os grupos sociais. Se alicerçada em valores éticos, permitir-nos-á conceber e exercer um processo educacional efetivo, completo, consequentemente voltado para uma atuação cidadã, humanizada que reconhece as interferências, ações e reações de fatores sociais, culturais e econômicos no desenvolvimento do ser.

Assim, possibilitará um maior enriquecimento das relações professor-aluno, tornando-os agentes de um processo formativo, construindo espaços de convivência profissional balizados pela ética como fator formativo de si e dos educandos; a necessidade dos acadêmicos entenderem ética como o *ethos* constituído por uma habitualidade que tem como ideal a justiça, o bom e o belo; a temática ética como elemento de formação continuada a ser trabalhada pela rede pública municipal ou pelas coordenações pedagógicas...e o fator da autoformação que é imprescindível para a constituição da ética como fundamento da formação docente em efetivo exercício da função.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicolas. **Dicionário de Filosofia**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AMORIM, Neto Roque do C.; ROSITO, Margarete M. B. **Ética e moral na educação**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.
- AMORIM, Neto. ROQUE, Carmo do. **Ética e Moral na Educação**. Rio de Janeiro: Wak ed, 2009.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- BEZERRA, Benedito G. **Livro didático e livro acadêmico como suportes de gêneros textuais**. Comunicação apresentada no II ECLAE. João Pessoa: UFPB, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria prática**. São Paulo: Ática, 1994.
- BUENO, Belmira O. **Autobiografia e formação de professores: um estudo sobre representações de alunas de um curso de magistério**. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1996.
- CATANI, Denice B. **Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos**. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1994.
- CHARTIER, Anne-Marie. **En quoi instruire est un métier. Le Métier d'instruire** (Coloques de La Rochelle), 1990.
- CONTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas**. 15 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. Petrópolis, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 15aed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GAARDER, 2001 JOSTEIN, Gaarder. **O Livro das Religiões**. Jostein, Gaarde; Hellern, Victor; Notaker, Henry. Tradução: Isa Mara Lando; Revisão Técnica e Apêndice: Flávio Antônio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GATTI, 1996, p. 85 GATTI, B. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação**. Campinas: Autores Associados, 1997.

GIL, Antonio Carlos. Qual o lugar da ética no Ensino Superior. IN__ : **Didática do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2009.

GIOVANNI, Reale. **História da filosofia**. São Paulo: Paulus, 2003.

GOERGEM, P. **Pós- modernidade, ética e educação**. Campinas: Autores associados, 2005.

GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin. **Autonomia e Ética na Escola**: o novo mapa da educação. São Paulo: Cortez, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e gestão, objetivos do ensino e trabalho dos professores. IN--: **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

LIPOVETSKY, Guilles. **O Império do Efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras , 1989.

MARTINS, M. H. **O que é leitura?** 19 ed. São Paulo. Brasiliense, 1994.

MASIP, Viciano Vicente. **Ética, Caráter e Personalidade**: consciência individual e compromisso social. São Paulo: E.P.U, 2002.

MORIN, Edgar. **O método 6**: ética. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MUHL, E.H. Crítica à racionalidade instrumental: as contribuições de Adorno e Horkheimer. In: **Ética, Racionalidade e Modernidade**. Série Ciência Filosofia. Passo Fundo: EDIUPF, 1996.

NETO, Manoel Dionizio. **A presença do hedonismo e do pragmatismo na visão Ética Contemporânea**. Maceió, Ediculte/ Se- culte, 1988.

PASSOS, I. C. **A interdisciplinaridade no ensino e na pesquisa contábil**: um estudo no município de São Paulo, 2005.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. ALMEIDA, Maria Izabel de. **Pedagogia Universitária**: caminhos para a formação de professores. São Paulo: Cortez, 2011.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Ética e competência**. 7a ed., São Paulo. Cortez, 2011.

SCHEFFLER, Israel. **A linguagem da educação**. Trad. de Balthazar Barbosa Filho. São Paulo: Saraiva, 1974.

SEVERINO, Antonio. **Ética e formação de professores**: política, responsabilidade em questão. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Marilda da. **As experiências vividas em formação e a constituição do habitus professoral**: implicações para o estudo da didática. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1999.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo. DCL, 2002.

SUCUPIRA, Newton. **Ética e educação**. Presença Filosófica. Rio de Janeiro, v. VI, n. 4, 1980.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petropolis, RJ: Vozes, 2012.

TUGENDHAT, E. **Lições sobre ética**. Petrópolis: Rio de Janeiro, editora vozes, 2000.

VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

VAZ, Henrique C. Lima. **Ética e Cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

VAZ, Henrique C. Lima. **Introdução à Ética Filosófica 2**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Trad. de João Dell' Anna. 28ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Docência**: uma construção ética profissional. Campinas, SP: Papiros, 2005.

ZINGANO, Marco. **Aristóteles**: tratado da virtude moral; Ethica Nicomachea. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados coletados serão utilizados para a elaboração de uma Monografia do Curso Pedagogia na UFCG/CFP-PB. Não é necessária a sua identificação.

RESPONSÁVEL: Karla Gomes Bento, Graduanda em Pedagogia pela UFCG/PB.

1. Identificando os participantes:

Sexo: Masculino. () Feminino. ()

Idade: _____

Curso: _____ Período: _____

2. Com base nas teorias vivenciadas durante sua graduação como você define a ética?

3. Sendo a ética já definida, discorra sobre o que é moral?
